



A Fábula

Cidade dos Desgraçados

2ª Edição

**A VOLTA PARA CASA
PODE SER UM INFERNO**

Hugo Massimo

© creative
commons

©
SOME RIGHTS RESERVED



Hugo Maximo

A Fábula
Cidade dos Desgraçados

© Copyleft © 2007 Hugo Maximo.
Alguns direitos reservados ao autor.



Projeto Editorial:
H. Maximo

Capa:
H. Maximo

Você pode encontrar mais informações e livros deste autor em:
www.matrixordinaria.blogspot.com

Ficha Catalográfica

Maximo, Hugo
A Fábula: Cidade dos desgraçados / Hugo
Maximo. Blumenau: Produção Independente,
2001.

214 p.

ISBN 85-86857-14-9

1. Ficção brasileira. I. Título.

CDD 869.93

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA.



A Fábula:

Cidade dos Desgraçados

Neste livro Hugo Maximo demonstra seu domínio sobre o romance de suspense, com fortes componentes visuais, o que nos faz refletir sobre as possibilidades de apresentação cinematográfica, que o transformaria num filme de terror.

A obra transpõe os limites da realidade e nos conduz totalmente a uma dimensão surreal onde se trava uma batalha entre o bem e o mal, entre a fragilidade humana e o poder das trevas.

A trama muito bem urdida mantém o sobressalto até o último capítulo e a leitura como que nos faz reféns ao lado dos personagens, solidarizando-nos com eles e sentindo os horrores que enfrentam.

Classificando-o como fábula, o autor nos incita a decodificação de um conteúdo polissêmico, portanto

altamente metaforizado. A Cidade dos Desgraçados contém ingredientes insólitos e nos coloca frente a frente com nossos limites.

A trama traz à tona a questão da acomodação e do servilismo diante do poder maior e do medo ao mesmo tempo em que demonstra a capacidade humana de superação do ceticismo e do medo. E é esta superação a única forma de salvação. O suspense em que a trama mantém o leitor é digno dos mestres deste estilo.

Yedda de Castro Brascher Goulart

Escritora Mestre em Letras - UFSC

Para Rose, Bruno e Ana
Raquel. Em sinal de amizade, amor
e gratidão.

“Lá vai o diabo pelo mundo entrando nas histórias. De uma beleza que não revela nada, parece esconder tudo, e vai dando aos outros a ilusão de mistério.

Os homens, famintos de amparo. E como o diabo tem o ar superior e indiferente, os homens pensam que precisam dele. E aí o amam, por confusão e por isso apaixonadamente. E o diabo toma e abandona os homens, e o diabo cresce, cresce como ele cresce, na medida em que os outros diminuem.

Sem amar, o mundo para ele é ele. E lá vai ele, o só, lá vai ele pelo mundo entrando nas histórias, vivendo em cada personagem, esse que não se acha devedor de nada, lá vai o credor, nosso pedaço, o diabo, a serviço de Deus.”

João Uchoa Cavalcanti Netto.

“Esperamos pela luz mas contemplamos a escuridão.”

Isaías 59:9

Prólogo

Nada é mais triste do que uma cidade que esqueceu de como viver. O comodismo extrapolava o limite, e o extremo havia sido atingido há anos. Os velhos esperavam a morte calados, entediados por que ela demorava muito. Sedentos por qualquer novidade, esperavam que os jornais anunciassem um novo assassinato. Os casamentos corroíam-se aos poucos, em ritmo contrário aos índices de adultério. As criança, sem entender o que se passava com os pais, desaprendiam a sonhar. O ódio dos adolescentes, sedentos por conhecer os paraísos artificiais das grandes cidades, destruía tudo o que se referia a sua própria cidadezinha.

Entres as ruas suburbanas, a felicidade não tinha mais endereço. Toda essa energia negativa emoldurava as fronteiras da pequena cidade. Essa energia crescia, dosada dia a dia, como um enorme conta-gotas. Uma gota foi suficiente para verter a água. Eles sabiam que algo

aconteciam nos becos, nas noites sem estrelas. Mesmo assim o conta-gotas pingava.

A energia procriava nas sombras, e eles sabiam, sentiam o cheiro. Mesmo assim o conta-gotas pingava. As mutações começaram, os gemidos cresciam, tornando-se gritos. Os gritos vibravam, distorcendo ainda mais a energia. Era como um círculo diabólico e vicioso. Em pouco tempo, eles não estavam mais nos becos e porões. Haviam ganhado as ruas e as casas. Seria uma questão de tempo até que se apossassem dos corpos. Eles corriam soltos pela noite, devorando os que ainda acreditavam no amor. Mas não era amor, estavam se enganando, assim como haviam feito antes. Não havia amor naquela cidade. Um dia houve, mas não havia mais.

Até os animais e os insetos sentiam a mudança no ar. Um sentimento estranho brotava em cada um deles. Era a urgência. A urgência gritava para que saíssem enquanto havia tempo. Ninguém notou que os animais estavam fugindo. Os animais sempre percebem estas coisas antes. Só os ratos ficaram. Estes multiplicavam-se dia a dia, assim como a energia. Os ratos sabiam que em breve haveria muita comida. Eles tinham o seu papel nesta

trama. Aguardavam ansiosamente pelo banquete, certos de que ele seria farto.

Alguns pássaros não haviam partido, na esperança de alertar a cidade. A missão dos pássaros era a de avisar que a noite seria mais longa, à medida que o dia seria apenas uma breve lembrança do sol. Mas eles não percebiam que os pássaros surgiam cada vez mais tarde.

A mensagem fora em vão. Não tardaria para que os pássaros sumissem também, assim como o sol. Sem o sol, a energia se tornaria mais densa, forjando as trevas necessárias para o seu retorno. Sim, em breve ele estaria de volta. Não que ele houvesse se retirado, estava apenas aguardando. Suas crias brincavam pelo mundo, enquanto ele aguardava pacientemente que vertessem a água. Então, ele pisaria na Terra novamente. Havia portas abertas demais, seria impossível ignorá-las. Em breve, ele estaria de volta.

Parte Um

Entrando No Inferno

01

De volta ao lar

É engraçado como os ônibus em geral são desconfortáveis! Este não era exceção. Daniel Barone tentava sem sucesso acomodar-se em sua poltrona. Ao seu lado, uma horrível mulher dormia de boca aberta, provocando um infindável repertório de sons assustadores. Nunca tivera muita sorte com ônibus, duvidava até, que alguém tivesse, mas isso fazia parte da vida, da sua vida.

— Jesus! — exclamou mortalmente entediado, virando-se para o lado do corredor.

Tentava não pensar em nada, mas era inevitável. Após uma separação dolorosa em que praticamente Vera

o abandonara, não teve dúvidas sobre o que fazer: tirou as tão merecidas férias, estas as quais havia adiado por longos treze anos. A maldita firma de contabilidade Marcos & Filhos, poderia sobreviver sem ele, afinal não passava de um dos anônimos empregados daquela droga! Era difícil acreditar que depois de quinze anos, estava voltando à sua cidade natal. Afinal de contas, era como dizia o ditado: “só há um lugar para ir quando não se tem mais para onde ir: para casa”. Como é mesmo que chamavam-na? Ah sim: “Cidade da Desgraça!”, não, não! Era: “Cidade dos Desgraçados!

— Preciso fumar um cigarro! — disse para ninguém.

Daniel não pretendia incomodar. Seguiu então para a cabine do motorista, onde poderia fumar em paz e ao mesmo tempo, livrar-se de sua incômoda vizinha de poltrona. No vidro da porta, um enorme adesivo gritava a cores vivas: proibido fumar. Bateu na porta de vidro acortinado, logo em seguida ouviu-a ser destrancada.

— Pois não moço? — indagou mecanicamente o motorista, sem sequer tirar os olhos da estrada.

— Gostaria de fumar um cigarro, se for possível é claro? — perguntou Barone, sentando-se no corrimão da escada.

— Claro que sim. Também fumaria um se você dirigisse pra mim.

Era evidente que o motorista estava chateado, parece que ele também estava sujeito às tais leis contra o fumo. Barone acendeu um Hollywood, enquanto observava a estrada que abria-se sob os faróis do grande ônibus. A luz dos faróis, cortava a escuridão, num singelo paradoxo entre o bem e o mal. Imaginou a escuridão voltando à estrada depois da passagem do ônibus. Tragava e expelia calmamente. As baforadas embaçavam uma pequena parte do vidro. Finalmente Daniel estava relaxando.

— Está indo pra onde moço? — perguntou o motorista, ainda sem tirar os olhos da estrada.

— Pra Águas Claras, e não sou tão moço já há algum tempo — respondeu Daniel, ainda fumando.

Neste momento o motorista desviou os olhos, rapidamente para Daniel, e depois novamente para a estrada.

— Águas Claras é? — disse sorrindo e balançando a enorme cabeça careca. — Então você é um “desgraçado”?

— É... sou um dos “desgraçados” — concluiu.

Isso espantaria qualquer um, se não fosse tão e simplesmente a pura verdade. Acontece que há uns trinta anos, Águas Claras foi vítima de um grande incêndio, que destruiu quase toda sua avenida principal. Muitas pessoas morreram e a cidade foi aos poucos reconstruída. Os jornais da época chamaram-na de “A Cidade dos Desgraçados” — e como Barone acabava de descobrir —, o sinistro apelido ainda vingava.

Durante sua infância e parte da adolescência, havia sido engraçado o fato de ser um desgraçado. Daniel possuía até uma banda de rock com o nome de “Os Desgraçados”. Continuaría sendo divertido sua vida inteira, se não fosse o número de mortos envolvidos. No final de sua adolescência, Daniel passou a encarar com profundo remorso as brincadeiras de criança.

O motorista seguia falando alguma coisa, mas Daniel não ouviu sequer uma palavra. Apagou o cigarro no cinzeiro do painel, agradeceu ao motorista e voltou para tentar dormir.

02

Sem pássaros

Algumas horas depois Daniel desembarcou em uma pequena e deserta rodoviária. Havia acordado com a chegada e nem ao menos tinha visto a entrada da cidade. Fora o único que desceu, e logo em seguida o ônibus seguiu seu caminho, já que a pequena Águas Claras era apenas uma das paradas.

Barone olhou em volta. Constatou que era a mesma rodoviária que o havia visto partir — até a sujeira parecia ser a mesma. Acendeu um cigarro e começou a caminhar para o ponto de táxi do outro lado do terminal. Embora fosse verão, estava estranhamente frio neste começo de dia, e o céu — que já devia estar claro — apresentava-

se repleto de nuvens escuras. Daniel não conhecia este céu. Parecia que este não era o céu de sua infância.

Enquanto caminhava, Daniel ouvia seus próprios passos ecoando no calçamento, e este parecia ser o único som de todo o lugar. Pelo que se lembrava, a esta hora do dia era comum ouvir os pássaros que buscavam abrigo, construindo seus ninhos em telhados como os do terminal rodoviário. Caminhando alguns instantes, chegou ao ponto de táxi, onde não havia nenhum veículo no estacionamento.

— Que droga é essa? — perguntou em voz alta. — Sem táxi, sem pássaros e com a droga de céu mais escuro que já vi!

Daniel sentia algo estranho no ar, como se sente quando está sonhando, vendo coisas estranhas acontecerem e não se importando muito com isso. Seus olhos passearam por toda a rua. Via a lanchonete com o hotelzinho barato de quartos sem banheiros, ao fundo. Mais ao lado uma pequena barbearia, da qual ainda se lembrava e um mercadinho que nunca havia visto antes. Todos tinham em comum o fato de ainda estarem

fechados. Daniel começou a pensar na possibilidade de ser um feriado municipal, mas... onde estariam os pássaros?

— Ei! — gritou ele, mas ninguém respondeu. — Tem alguém me ouvindo? Onde é que estão a *droga* dos pássaros?

Daniel começou a caminhar em direção a avenida principal, sabia que lá haveriam outros hotéis, e além do mais, a bolsa que carregava não pesava muito.

Durante a caminhada, continuou observando sua cidade natal como se a visse pela primeira vez. De certa forma era a mesma cidade de sua memória, mas estranhamente mudada — quase irreal —, como num *set* de filmagens: sem pássaros, sem sons de natureza e a espera de sons artificiais. Isto produzia uma atmosfera negra a sua volta. Daniel sentia-se como um personagem de Stephen King, passeando por Jerusalem's Lot ou caminhando pelo o próprio inferno.

03

Trevas

Após caminhar por uns vinte minutos — com a mente totalmente assustada e com um medo infantil que quase beirava ao desespero —, imaginava que a qualquer momento algo saltaria de lugar algum e o partiria em pedaços. Daniel avistou uma figura que quase parecia humana. Ficou imóvel por alguns instantes que certamente foram minutos, forçando a vista para tentar identificar se o que via era vivo ou morto.

— Um homem! — pensou em voz alta. — Um mendigo... ei você!

Daniel gritou para a figura encolhida no chão em posição de feto, provavelmente dormindo, ou talvez só embriagada. O homem, se é que se podia chamar assim,

levantou somente a cabeça e olhou em volta. Era velho e estava bastante machucado. Hematomas, cortes e arranhões — muitos desses ainda abertos — pontuavam seu rosto velho e abatido.

— Não me machuque... por favor! — gemeu o mendigo. Sua voz era tão velha quanto seu rosto. Daniel se aproximou devagar. O velho o acompanhou com os olhos mais assustados que já havia visto, e então se agachou ao seu lado.

— Calma... não lhe farei mal — Daniel tentava parecer amável, mas não tinha muita certeza de estar conseguindo, estava assustado demais para isso. — O que houve? Você parece ter sido apedrejado?

— Foi mais ou menos isso! — disse o velho, acomodando-se até ficar sentado.

— O que há com o céu? — perguntou Daniel.

Sua mente estava confusa, e esta pareceu ser sua maior curiosidade.

— São as trevas... — respondeu o velho, e antes que Daniel perguntasse de que se tratava, ele continuou. — A cada dia que passa amanhece mais tarde... e anoitece mais cedo, são as trevas.

— O quê? Não pode estar falando sério?

Daniel não aceitava isso. Olhou para seu relógio e constatou que a essa hora o sol já devia ter aparecido, mas não havia o menor sinal da aurora. Daniel tateou o bolso da camisa procurando pelo maço de cigarros. Ao encontrar, acendeu um e notou o olhar do mendigo. Passou o cigarro aceso para ele e acendeu em seguida um outro para si. O velho agradeceu com um gesto de cabeça, tragou longamente e prosseguiu:

— A cidade não é mais a mesma — expelia a fumaça tragada enquanto falava, parava para tragar novamente e depois voltava a falar. — As trevas aumentam a cada dia. Já não sei em que ano estamos, tentei ir embora e por isso me bateram. Ninguém sai, e quem entra não vive muito tempo... nem sei dizer como conseguiu entrar na cidade... talvez eles quisessem você aqui.

— Eles quem? — perguntou Daniel, mas o velho não lhe deu ouvidos e continuou tragando e falando, olhando para o vazio como se assistisse a algum filme.

— Você não sente? Não vê que estamos no verão, mas no entanto faz frio? As trevas são frias... hipnotizam!

As pessoas de fora que vem para a cidade não percebem nada, agem como se não vissem o céu cada vez mais escuro... o sol cada vez mais fraco, e as pessoas daqui também. Só algumas percebem, mas não conseguem sair... são as trevas... as trevas roubam o calor da luz e o transformam em frio, como se o diabo tivesse aprendido a usar o poder de Deus contra ele mesmo.

Silêncio.

— De quem você está falando? Quem são eles?

As perguntas de Daniel ficaram sem respostas assim como aquela “quase” manhã, insistia em existir sem sol. O velho mendigo apenas balançava a cabeça para frente e para trás — fumando o toco do cigarro apagado —, dizendo que eram as trevas. Parecia em transe, imerso em seu próprio pesadelo e dor. Daniel se levantou olhando em volta, e então abandonou-o ali. Após alguns instantes o mendigo voltou a dormir. Daniel, no entanto, prosseguiu caminhando, observando e sentindo medo. Estava confuso, pois seu cérebro ainda não havia de todo assimilado os acontecimentos deste mal amanhecido dia.

Caminhou sem contar o tempo pensando quando acordaria, ou se acordaria deste pesadelo. “Sim! Só podia

se tratar de um pesadelo”, ele assim pensava. Logo acordaria mal acomodado na poltrona do ônibus, ao lado da velha barulhenta.

Isto porém, não aconteceu.

04

Ana

Quando lembrou de olhar para o relógio, já era quase hora do almoço. Estava com muita fome, e ansiava por interromper o vazio que lhe embrulhava o estômago. Faltavam dez minutos para o meio dia, e só agora o sol começava nascer. Então como se fosse ainda seis ou sete da manhã, a cidade começou acordar: lojas começavam a ser abertas, um fluxo de pessoas caminhando surgiu com o sol e ia aumentando conforme o frio se afastava. Estranho! Era verão de novo. Realmente só podia ser um pesadelo.

Daniel mais uma vez olhou a sua volta, sentindo a presença das pessoas que esbarravam em seus braços e em sua mala. Avistou uma lanchonete que estava aberta, aonde em cima do balcão, uma chaleira prateada

fumegava com cheiro de café. Entrou, sentou-se ao balcão e pediu café e ovos mexidos. Olhava em volta pensando em como era possível estar acontecendo isso. As pessoas realmente não percebiam que estavam vivendo um dia... “reduzido”!? Nem Daniel sabia como chamar tal fenômeno. Notou que os pássaros também haviam acordado. Podia ouvi-los, e agora podia sentir até uma suave brisa de verão, que melhorou um pouco a situação de seu estômago, junto é claro, com o desjejum.

De repente:

— Daniel? Daniel Barone? É você? — a voz vinha de trás do balcão, Daniel levantou os olhos da xícara de café e localizou a origem do chamado. Era a mesma mulher que o atendeu a pouco.

— Sim! — disse ele surpreso.

— Meu Deus! Não lembra de mim? — perguntou com os olhos arregalados, e sem dúvida esperando uma resposta positiva. Mas Daniel não se lembrava. Forçou a memória o máximo que pode, chegando até a fazer uma careta de reflexão, mas não adiantou. Droga, isso sempre acontecia com ele. Todas as pessoas do mundo

lembravam-se dele, menos ele delas, é claro. Ficou embaraçado, passou as mãos no rosto e a encarou.

— Seu rosto me é familiar mas...

Era óbvio que ele estava disfarçando, e disfarçando mal, diga-se de passagem.

— Talvez se me disser seu nome...

A moça pôs as mãos na cintura e abriu um sorriso torto e um pouco amarelo. Contudo, um belo sorriso, que combinava perfeitamente com o rosto pequeno, emoldurado pelos cabelos negros presos em um comprido rabo de cavalo.

— Daniel Barone! Como pode t... — antes que ela terminasse, ele a interrompeu.

— Espere! — ele quase gritou. Talvez pelo fato de finalmente ter encontrado um rosto conhecido em meio a esta confusa manhã.

— Só uma pessoa me chamava assim, pelo nome completo. Ana é você?

— Ah! Então você lembrou, heim? — agora Daniel tinha certeza.

Ana geralmente terminava uma pergunta com: “heim?”. Lembrou-se que sempre ficava encantado ao

ouvir aquela garotinha de cabelos negros dizer: “heim?”. E agora, diante da mulher que ela havia se tornado então, nem se fala.

— Você está ótima menina!

— Para com isso “Sr. paquera”.

— Estou dizendo a verdade! Sempre achei que você ficaria feia pra sempre, mas acho que me enganei — ele ficou rindo baixinho da careta que ela estava fazendo.

— Seu bobo! Não vai mudar nunca? A propósito, o *senhor* também não ficou nada mal.

Ambos ficaram em silêncio, se encarando com pequenos sorrisos sinceros. Um outro cliente interrompeu a bela cena de amizade para pedir seu café da manhã. Foi quando houve um estalo na mente de Daniel: “que diabos! É hora do almoço! Eu sei disso, mas... será que estou ficando louco?”. Quem dera estivesse, talvez a loucura seria pouco comparado ao que estava por vir. Ana afastou-se para atender os demais clientes, dizendo que logo voltaria. Daniel aproveitou para terminar seu café.

Quando acabou acendeu um cigarro e ficou assistindo Ana servir outros clientes, admirando o quanto ela ficava *sex* com aquele avental. Bastava dizer que o

avental — que já era pequeno —, era maior que a mini-saia que usava. Entre uma ação e outra ela desviava os olhos para ele — sempre sorrindo —, e acabava ficando sem graça, balançando as mãos sem saber o que fazer com elas.

Quando o movimento diminuiu, Ana voltou-se para ele tirando o avental.

— Quer dar uma volta?

— Você não está trabalhando?

— Não, eu sou a proprietária.

— Ótimo! Então eu aceito.

Ela deu a volta no balcão, dizendo para a moça do caixa que voltaria na hora do almoço. Daniel levantou-se e a acompanhou. Seguiram caminhando lado a lado pela calçada, agora não tão movimentada.

— Como estão os outros? — perguntou ele referindo-se aos demais colegas de infância.

— Não sei, quase todo mundo deixou a cidade há alguns anos — ela caminhava olhando para o chão, como se estivesse escondendo algo.

— Daniel — ela parou, como se não tivesse certeza do que ia dizer, ou se deveria dizer. — Você notou algo estranho quando chegou aqui?

“Ela sabia! Sim ela sabia! Então estava realmente acontecendo, diabos!”

— Você fala do amanhecer? — ele precisava ter certeza. Não queria passar-se por louco, mas imaginou que ela também não queria.

— Oh! Graças a Deus você percebeu! — ela parou novamente. Ambos olhavam para o chão, como se estivessem conversando um assunto proibido e se sentissem envergonhados. — O que você acha que é?

— Não sei. Talvez algum fenômeno com o tempo — “são as trevas”, disse uma voz em sua mente.

— Mas só algumas pessoas percebem! O resto da cidade parece hipnotizada, vivem um dia cada vez mais curto e não percebem!

— Eu realmente não sei. É demais pra minha compreensão, e não tenho nem certeza se realmente está acontecendo. Quando começou?

— Ninguém sabe. No início nem dava para perceber. Pra falar a verdade, nós só percebemos quando o fato aumentou de proporção.

— Nós? — perguntou Daniel.

— Sim. Demorou um pouco, mas os que perceberam a mudança acabaram se reunindo. Em segredo é claro, pois há algo mais acontecendo.

Neste instante Ana fez silêncio. Haviam outras pessoas passando ao lado e ela não queria que ninguém ouvisse. Quando ficaram sozinhos novamente ela prosseguiu:

— As pessoas que não percebem estão estranhas, mais frias e violentas. Há incidentes ocorrendo por toda a cidade. Parece que quanto mais a noite aumenta sobre o dia, mais as pessoas ficam más.

“São as trevas... as trevas são frias!”

— Meu Deus! Nem sei o que dizer?

—Você já tem onde ficar? — Daniel respondeu que não com a cabeça, contendo com uma das mãos um bocejo.

— Não tinha pensado nisso — sua resposta estava tão cansada quanto ele.

— Pegue — disse ela entregando-lhe uma pequena chave. — É minha casa, fique lá. Eu tenho de voltar para lanchonete, mas de noite eu te encontro lá, está bem?

—Tá! — respondeu ele olhando para chave e depois para ela. — Certo mas...

— É a mesma casa — ela emendou, beijando-o na face. Ela afastou-se apressada, mas voltou-se para gritar:

— Conversamos depois, descanse!

Ele ficou ali parado, observando-a enquanto se afastava mais e mais. Depois olhou para a chave, tentando digerir os últimos acontecimentos, o que não era fácil.

“São as trevas... As trevas são frias!”

05

Auto-estrada para o inferno

Depois de algumas horas caminhado, Daniel viu-se diante da casa de Ana. Era a mesma casa, sem contar é claro o tom de cinza velho nas paredes brancas. Mas já estava acostumando-se, afinal este tom de cinza parecia estar espalhado por toda a cidade. Abriu o pequeno portão de ferro e seguiu por entre uma estreita calçada de concreto, que se estendia ao longo do maltratado gramado até a porta frontal. Introduziu a chave na porta e entrou. Estava escuro, enormes cortinas plásticas impediam a entrada do sol. Encostou a porta e caminhou para a enorme janela da sala. Abriu as cortinas e o sol atingiu-o da cintura pra cima. Olhou em volta não lembrando-se de

tudo exatamente, mas de certa forma, a sala parecia familiar.

Viu vários retratos na estante que dividia a sala de estar, da sala de jantar. Aproximou-se para observar melhor. Havia fotos dos pais de Ana e de alguns parentes que Daniel não conhecia. Várias de Ana sozinha e outras em que um menino, de talvez uns oito ou nove anos a acompanhava. Era impossível não notar a semelhança, certamente o garoto das fotos era seu filho. Buscou na memória, mas não tinha visto aliança nos dedos de Ana. Bem, ele também tinha filhos e não usava mais aliança. Por um momento esqueceu toda a dor, as noites solitárias em que perguntava “por quê?”, para uma garrafa de vodka. Parecia estar feliz por ser um homem separado, e com certeza Ana tinha algo a ver com isso. Será? Pensou: “ora, porque não”?

Sentiu-se cansado novamente. Procurou até encontrar o banheiro, apanhou uma toalha pendurada na porta e tomou banho. Ao terminar começou a juntar sua roupa no chão, avistou algumas roupas íntimas — provavelmente de Ana —, espalhadas pelo piso úmido do

banheiro. Tentou mas não consegui deixar de pensar... ora vamos! Controle-se pelo amor de Deus!

Secou-se e foi até o quarto onde havia deixado sua mala. Vestiu um jeans desbotado, camiseta e tênis brancos. Penteou os cabelos castanhos, começando a embranquecer nos lados e procurou na bolsa os óculos de descanso que quase nunca usava. Fechou a mala e jogou-a debaixo da cama. Depois foi até a cozinha, serviu-se de leite em um copo vazio de extrato de tomate. Fumou um cigarro, voltou para o quarto e depois dormiu.

Acordou algum tempo depois com um barulho na porta da frente. Esticou-se até a janela, constatando que já anoitecerá. Olhou curioso para o relógio que marcava dez minutos para às quatro da tarde. Meu Deus está realmente acontecendo! Estaria louco? Bem, se estivesse não era o único.

A voz de Ana ecoou pela casa, chamando por ele. Respondeu de onde estava, encarando o espelho, dando uma rápida conferida no cabelo. Correu para alcançá-la e quase chocaram-se no corredor.

— Você instalou-se bem? — perguntou ela, com as mãos levantadas atrás da cabeça, refazendo o rabo de cavalo.

— Sim, tomei um banho e um copo de leite — disse ele sem jeito, enfiando as mãos nos bolsos da calça num gesto de timidez.

— Venha, vamos comer alguma coisa.

Ela pegou-o pelo braço e o levou até a cozinha, fazendo com que sentasse. Depois foi até a geladeira, e começou a preparar alguns sanduíches naturais.

— Daniel — ela hesitou, — você ainda se lembra não é? Você sabe... do amanhecer?

— Sim. Por... — antes que ele formulasse sua pergunta, ela prosseguiu.

— Bem, é que no começo muitas pessoas que haviam percebido o céu, simplesmente esqueceram-se sem a menor explicação... explicação ora essa! Nada relacionado com essa droga de cidade tem explicação.

Ela fechava agora os sanduíches e entregava um a Daniel. Antes de sentar-se, perguntou se ele queria uma Coca. Queria. Foi até a geladeira e apanhou uma de dois litros já pela metade, pôs na mesa e sentou-se.

— Você me disse que haviam se reunido? — Daniel sentia-se estranho, pois às vezes preocupava-se com o ocorrido, e em outras parecia esquecer que havia algo errado. Será que estaria ficando hipnotizado como as demais pessoas? Era realmente estranho.

— Bem, não somos muitos. Nos reunimos na antiga escola, que atualmente esta fechada pra reparos. Estamos tentando decidir o que fazer. Alguns querem abandonar a cidade antes que a noite engula totalmente o dia, mas eu e a maioria queremos descobrir o que há de errado, para tentarmos buscar ajuda, não sei. Talvez contatar alguém de fora da cidade. A coisa esta ficando séria, pessoas espancadas, a igreja foi vandalizada, incidentes por toda parte. Eu... eu estou assustada. Realmente assustada.

Daniel não sabia o que dizer.

“As trevas...”, droga esqueça isso! Pelo menos por enquanto ele afastou esta idéia, como quem afasta moscas do rosto suado. Estava tão assustado quanto ela, talvez mais. O que poderia dizer? Ou fazer? Olhou novamente para seu relógio de pulso, e depois para o relógio na parede da cozinha. Marcavam quatro e cinco da tarde,

mas, no entanto, estava escuro lá fora. Mas não era só isso que estava lá fora. Daniel sentia que algo mais rondava a casa, e passeava pela cidade. Estava nos becos, entrando em qualquer fresta, farejando, espalhando seu hálito quente e fétido, somente para mostrar sua presença. Era o medo, o mesmo medo que sentira ao chegar a cidade. Medo de que as sombras ganhassem vida, e simplesmente engolissem aquela cidade desgraçada. Lembrou-se agora, que enquanto ainda estava no ônibus, havia um rapaz alguns bancos atrás do seu, ouvindo um radiozinho desses comprados em camelôs. Não conhecia a banda, AC/DC talvez, mas o fato é que a musica dizia: “Highway to Hell”. Também não conhecia a música mas sabia alguma coisa de inglês. “Auto-estrada para o inferno” é o que dizia a letra, e era realmente o que parecia ter acontecido.

Levantou e pôs o copo vazio na pia. Passou as mãos pelo rosto como se ainda não estivesse completamente desperto, encostou-se na pia e ficou olhando para a pequena janela da cozinha. Pela janela pode ver a noite precoce. Daniel parecia estar em transe, observando a escuridão. Parecia que quanto mais olhava para o escuro, mais o escuro olhava para ele.

— Quer comer mais? — Ana rompeu o silêncio.

— Estou satisfeito, obrigado Ana — Daniel respondeu sem tirar os olhos da janela, e então voltou-se para ela. — Conte-me algo sobre você.

— Bem — começou, — depois que você foi embora, a maioria de nossos amigos também se foram. Ficaram os que não tinham condições financeiras para ir. Depois de terminar o colegial acabei casando por estar grávida, e há alguns anos me separei. No mais, foi sempre a mesma vida besta de cidade pequena.

— Com quem se casou? — perguntou Daniel realmente interessado, sentando-se novamente à mesa.

— Você não o conhece, ele não era daqui — ela abaixou a cabeça, pousando o queixo nos braços cruzados sobre a mesa.

— O menino nas fotos?

— Meu anjinho. Que agora deve estar em algum lugar com o pai, interior de São Paulo talvez. Meu ex-marido vive viajando.

Estava desanimada. Talvez fossem as lembranças, mas provavelmente eram saudades do menino, pensou Daniel.

— Pelas fotos pareceu-me um bom garoto — disse ele sincero. — Como se chama?

Ela hesitou um pouco e depois respondeu:

— Daniel. Nome de anjo — acrescentou.

Daniel ficou sem jeito e sem fala. “O guri tem o meu nome”, pensou. Novamente silêncio entre eles.

— Fale-me de você — disse ela.

Parecia estar saboreando o fato de Daniel ter ficado surpreso ao saber o nome do menino. Sorria levemente.

— Certo. Quando fui embora entrei para faculdade, formei-me contador, pequei um emprego de estagiário e estou neste maldito emprego até hoje. — Daniel parou para acender um cigarro e depois continuou. — Acho que até hoje sou considerado um estagiário. Casei, separei, quase tive um colapso nervoso. Aí recebi férias, e estou aqui. Sim. É isso. Acho que consegui resumir tudo.

Daniel deu uma risada nervosa, e continuou fumando.

— Então não sou só eu que estou infeliz? — perguntou Ana.

— É.

— Daniel... o que fizemos com as nossas vidas?

Ela descruzou os braços e estendeu as mãos para ele sobre a mesa. Ele apagou o cigarro num cinzeiro de metal que havia no canto da mesa e segurou as pequenas mãos de Ana.

— Não sei. Acho que nos esquecemos do principal... vivemos sem viver. Quando fui embora e deixei meus amigos pra trás, senti como se tivesse vendido a minha alma. Porque quando cheguei lá, foi bom no começo, mas de repente, parecia que eu estava vivendo a vida de outra pessoa. Sempre tive a impressão de que era tarde demais para voltar. Tentei me apaixonar, casar, mas não se pode fugir de si mesmo não é?

— É, disso eu sei.

Mais silêncio.

— Está com sono? — perguntou Ana.

— Não. Mas também são cinco horas da tarde! — exclamou.

Ambos olharam pela janela, e constataram que a escuridão realmente estava ali, observando-os.

— Vocês, digo, o grupo de pessoas que sabem o que esta acontecendo. Quando vocês se reúnem?

— Amanhã talvez.

— Durante a noite?

— Não! — respondeu Ana quase gritando. — Não saímos durante a noite, é perigoso demais. Daniel, as pessoas estão ficando cada vez mais violentas, e é só durante à noite.

— O que você quer dizer? — perguntou Daniel acendendo outro cigarro.

— Assassinatos, estupros, assaltos, vandalismo, e tudo durante a noite. A polícia esta agindo, mas — ela se calou.

— O que foi? — insistiu.

— Os policiais também não percebem o que está acontecendo. Estão hipnotizados como o resto da população.

— A biblioteca ainda é no mesmo lugar? — perguntou Daniel.

— Sim. Por quê?

— Sei lá, talvez pesquisar sobre o que está acontecendo.

— Não é muito aconselhável. As pessoas que não percebem o céu tendem a ficar violentas quando tocamos

no assunto, ou quando tentamos sair da cidade. Mas há uma biblioteca lá na velha escola.

— Você disse que ela estava fechada?

— Sim.

— Ótimo! — disse Daniel levantando-se e seguindo para o quarto. Ana levantou-se para segui-lo, mas ele já estava de volta vestindo uma jaqueta de couro preta.

— Onde você pensa que vai? — ela parecia realmente surpresa.

— Na biblioteca da escola, sei que você disse que é perigoso, mas a coisa é séria. Não podemos perder mais tempo.

— Estão eu vou junto.

— Não! Como você mesma disse, é perigoso!

— É mais perigoso ficar sozinha. Eu só vim pra casa hoje porque você estava aqui. Normalmente estou dormindo na casa de amigos, se ficar sozinha acho que vou enlouquecer.

— Está bem. Você tem carro?

— Sim. Está na lanchonete, eu costumo caminhar sempre que posso.

— Então temos que buscá-lo.

A idéia de andar pela cidade durante a noite deixava Ana completamente apavorada, mas uma ova que ficaria sozinha.

06

Improvizando beisebol

Após Ana ter trocado sua mini-saia por uma calça jeans, esfolada no joelho, saíram de mansinho até a rua. Depois de averiguar que estava tudo calmo, começaram a caminhar bem devagar, seguindo para a lanchonete de Ana. O lugar se encontrava há umas três quadras dali. Estavam já caminhando há alguns minutos, quando Ana apertou seu braço.

— O que foi? — perguntou Daniel.

— Acho que ouvi alguma coisa. Lá — Ana apontava na direção de onde haviam vindo. Daniel fitou o escuro em busca de algo que nem sabia o que era.

— Não estou ouvindo nada — disse ele. — Você tem certeza?

—Sim, pareciam passos.

—Vamos continuar. Depressa.

Voltaram a caminhar de mãos dadas, aumentando o ritmo a cada som que Ana julgava ouvir. Quando já estavam quase lá, Daniel apertou com força a mão de Ana.

—Também ouvi — sussurrou ele. Aumentaram novamente o ritmo. Estavam quase correndo, foi quando os sons começaram a aumentar também.

— Corra! — gritou Daniel soltando da mão de Ana.

— Você também! — gritou ela, e ambos começaram a correr de verdade.

Daniel arriscou uma olhada para trás, e viu uma pequena multidão de pessoas avançando. Estavam armados de paus e pedras, que começavam a ser lançados sobre eles.

— Corra, e não olhe pra trás — gritou por fim.

Uma pedra atingiu-o na cabeça, mas não com força suficiente para derrubá-lo. Ana estava chorando enquanto corria. Ela podia ver as pedras caindo sobre eles, mas não tinha coragem de olhar para trás.

— Oh meu Deus! — ela gritava enquanto chorava.
— Meu Deus!

Um pedaço de madeira foi arremessado, caindo um pouco à frente de Daniel, ele se abaixou para pegá-lo.

— Corra! Tranque a lanchonete e só abra pra mim!
— Ela gritava que não. Gritava o nome dele. Gritava para que não a deixa-se sozinha, mas continuou correndo. Daniel parou e ficou observando até que ela virasse a esquina, e então voltou-se para os perseguidores que pareciam fora de si.

— Venham seus FILHOS DA PUTA!

A pequena multidão continuou avançando e chocou-se com Daniel. Ele permanecia em pé, com as pernas levemente afastadas, segurando o pedaço de madeira como um jogador de beisebol fazia antes de rebater a bola. Daniel fechou os olhos e começou a rebater cabeças. Girou o bastão com força para todos os lados, só ouvia seus próprios gritos e o som seco do bastão improvisado, o som do bastão se chocando com cabeças humanas. “Que Deus me ajude”, pensou.

Continuou a girar o bastão em movimentos fortes e seqüenciais. Nunca havia jogado beisebol, mas já tinha

visto pela TV à cabo jogos suficientes para saber rebater. Daniel estava sendo atingido em várias partes do corpo mas não caiu. Sabia pela força dos golpes que estava recebendo, que estas pessoas não estavam brincando e que se caísse, certamente não levantaria mais.

Daniel abriu os olhos. Muitos estavam caídos, gemendo, mas ainda havia alguns em pé, rosnando. Estavam em volta, tentando cercá-lo. Sabia que um ataque direto dificilmente teria sucesso.

— Oh-oh... merda! — praguejou enquanto arremessava o bastão para eles e começou a correr, antes que o círculo de pessoas se fechasse às suas costas. Olhou para trás e os viu avançando com uma fúria maior que a de antes. Viu que não chegaria a lanchonete sem ser alcançado, então pulou um muro e continuou seguindo por entre os quintais. Pensava em despistá-los.

Obscenidades

Ana chegou à lanchonete ofegante, e entrou por uma porta que havia ao lado do pequeno prédio. Trancou-a e sentou-se no chão, limpando as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto. Estava respirando com dificuldades por entres os soluços do choro, que parecia querer voltar. Controlou-se e enxugou o rosto com a camiseta. Ouviu barulhos do outro lado da porta. Era Daniel, tinha que ser. Começaram a bater na porta com força. Várias batidas, não poderia ser uma pessoa só. “Oh meu Deus! Daniel! Eles estão aqui... Daniel está morto”, pensou. O choro voltou com força total e desta vez ela não pode segurá-lo. Do lado de fora, as batidas pararam.

— Abra, é o Daniel! — bradou um voz de morto.

“Não é o Daniel, nem aqui nem na lua”, pensou. Disso tinha certeza. “Oh Daniel!”

— É! — gritou uma voz de mulher. — Abra, é o Daniel. Eu sou a nova namorada dele! Sou a vaca que ele anda comendo!

Continuaram as obscenidades. Ana podia ouvir outras pessoas rindo. Várias pessoas: mulheres, homens e “meu Deus”! Crianças! “Por Deus o que está acontecendo?”, pensou. Talvez, nem Deus soubesse a resposta. Talvez fosse o juízo final, começava a acreditar que logo seria julgada e condenada por seus pecados.

As gargalhadas ficavam mais altas conforme o nível da obscenidades baixava. Ana chorava freneticamente. Por várias vezes tentou parar e recuperar o controle, mas estava assustada demais. Sabia que não agüentaria aquilo por muito tempo.

Vomitou. Recuperou um pouco o controle e arrastou-se para debaixo de uma das mesas destinada a preparação de alimentos. Ali ficou, até que horas depois pegou no sono. Os gritos, as obscenidades e as gargalhadas continuaram até o sol nascer.

O exorcista

Ana despertou com o sol banhando-lhe o rosto. Abriu os olhos e observou a pequena e alta janela que dava passagem ao sol. Olhou para o relógio, ele mostrava uma da tarde. No entanto, aquele sol que estava iluminando-a agora, era um sol de amanhecer. Levantou-se e olhou em volta. Parou os olhos sobre mancha de vômito, já seca no chão. Desviou os olhos e foi até o banheiro. Lavou o rosto e arrumou novamente o cabelo em um rabo de cavalo. Ouviu o barulho da grande porta de correr sendo aberta lá na frente. Era a funcionária de Ana abrindo a lanchonete para mais um dia — “reduzido” — de trabalho. A moça chamava-se Janice, não devia ter mais de dezesseis. Usava óculos de armação grande e

redonda, e sempre mascava chicletes sem açúcar. Ana não deixou que ela chegasse até a parte de trás da lanchonete, mandou que ela ficasse lá na frente, tomando conta de tudo até a cozinheira chegar. Ana voltou para o banheiro, pegou um balde e o encheu na torneira da pia. Depois lavou o chão perto da porta. Afinal, aquela mancha não era bem o tipo de coisa que gostaria de explicar para seus funcionários. Quando terminou a limpeza, disse à Janice que ia para casa, pois não estava sentindo-se bem.

Ana saiu pelos fundos da lanchonete, num estacionamento coletivo para os proprietários dos estabelecimentos vizinhos ao dela. Pegou no bolso da calça as chaves do velho Passat 83. Girou a chave no contato, e constatou que o carro ainda estava vivo. Depois rumou para casa o mais rápido que pode.

Durante o percurso, procurou refazer o caminho da noite passada, observando os vestígios do ataque que sofrera ao lado de Daniel. O que teria acontecido a ele? Suas mãos apertaram com força o volante, exatamente no momento em que passou por cima de pedaços de madeira e pedras, que foram abandonados ali durante a noite. “Oh Daniel, esteja bem, por favor!” Estava pensando em

Daniel e na chuva de obscenidades da terrível noite que passou. Era tudo irreal. Aquelas pessoas não pareciam hipnotizadas, mas sim endemoninhadas, tomadas por uma loucura selvagem. Estacionou o carro perto do portão. Entrou em casa aos berros:

— Daniel? Daniel, você está aqui?

Não houve resposta. Ana sentou-se no chão e começou a chorar. Levantou-se apenas para fechar a porta. Depois jogou-se sobre sofá da sala ainda chorando.

Mais tarde, ao recuperar-se um pouco, andou por toda a casa. Não havia nenhum sinal que indicasse a volta de Daniel. Ana já havia perdido as esperanças, jogou-se na cama e adormeceu depois de muito chorar.

Alguns minutos depois, acordou com alguém batendo na porta. Por alguns instantes pensou serem aquelas... criaturas, mas abandonou essa idéia ao ver que o sol ainda brilhava. “Daniel, só pode ser Daniel”, pensou ela. Abriu a porta depressa e decepcionou-se ao ver que o homem sorrindo na porta da frente não era Daniel.

— Padre? É o senhor!?

O homem de calças cinzas e terno azul — calmo e sorridente —, percebeu que além de ela estar esperando outra pessoa, algo em sua aparência a incomodava.

— Ah! É a batina — disse ele. — Estou sem batina. Não deixe que isso a incomode, por favor.

Ele estendeu-lhe a mão e ela o cumprimentou.

— Entre padre, por favor — disse, afastando-se para que ele entrasse. O padre magro esgueirou-se até o sofá e sentou.

— Pois não padre? — ela sentou-se também.

— Vim avisá-la de nossa reunião. Temos que começá-la antes que o sol se ponha. Afinal, estamos enfrentando tempos difíceis — o padre sabia que ela esperava outra pessoa, mas não cometeria a indiscrição de perguntar.

— Padre — começou ela. — Ontem, eu e meu amigo saímos durante a noite para buscar meu carro, e fomos atacados. Consegui chegar até a lanchonete, mas não sei o que houve com ele. O padre balançou a cabeça para cima e para baixo, num sinal de que havia entendido.

Ela estava quase chorando.

— Acho que ele está morto padre.

— Quem é ele? — perguntou o padre.

— Um amigo. Ele voltou recentemente e também percebe o que está havendo. Queríamos chegar até o carro para irmos até a biblioteca da escola, ele queria pesquisar sobre o que está acontecendo.

— Ah! Um estudioso? — perguntou.

— Não — disse ela. — Acho que ele é contador.

Ambos riram um pouco disso.

— Bem, se você não encontrou nenhum indício de que ele esteja morto, não vejo razão para que ele esteja. Há menos que você tenha encontrado alguma coisa. Você encontrou? — ela fez que não com a cabeça. — Então ainda há esperança.

— Esperança é só o que nos resta padre — desta vez foi ele quem concordou com a cabeça.

Então, houve silêncio entre eles. Ambos estavam pensando, avaliando o que restavam de suas esperanças.

— Padre, queria perguntar-lhe algo?

— Claro, se eu souber a resposta.

— Na nossa primeira reunião — quando começamos a suspeitar de algo —, o senhor disse que foi o primeiro a ser atacado, certo? — Ele fez que sim com a cabeça, e ela

observou que o corte em sua testa ainda não tinha cicatrizado por completo. — Pois bem. Naquela reunião o senhor disse que os sintomas das pessoas que o atacaram, pareciam o de pessoas possuídas. Lembro-me que o resto do grupo descartou essa idéia. O senhor acha que pode ser isso?

Ele pensou durante alguns instantes e só depois respondeu:

— Bem, você já leu aquele livro de William Peter Blatty, “O EXORCISTA”? — ela fez que não. — Neste livro, há com bastante clareza, explicações de casos em que pessoas pensam estar tomadas pelo demônio. Claro que há casos sem explicação. Entretanto, a maioria revela-se como uma doença mental, ou comportamento esquizofrênico, movido por alto sugestão. E foi isso que eu disse que poderia estar acontecendo, só não imagino o que poderia causar isso em uma cidade inteira. Eu particularmente não acredito no demônio. Caso ele exista, creio que deva trabalhar para Deus, ou seja, ele era Lúcifer — o portador da luz —, cometeu erros e foi rebaixado. Agora ele toma conta do “porão”, por assim dizer.

Ana permaneceu atenta a tudo.

— Perdoe-me se falo demais. Quando um padre começa a falar, ele não para mais — ele riu um pouco de si mesmo.

— Não padre, pelo contrário. O que o senhor disse, parece ser a melhor explicação para essa loucura.

— Creio que não — disse ele. — Isso não explicaria o céu, o amanhecer atrasado e nem o anoitecer adiantado, a menos que nós também estivéssemos afetados e tendo alucinações coletivas, mas acho pouco provável. Outra explicação seria...

Ele parou e ficou sacudindo a cabeça negativamente.

— Qual padre? Diga.

Ele hesitou um pouco e depois concluiu:

— A outra explicação seria a de estarmos mesmo lidando com o demônio.

Houve novamente silêncio entre eles, mas este foi maior, mais assustador. Desta vez o velho padre não abanou a cabeça negativamente, apenas deixou a suposição vagar livre pelo ar.

— Vamos para a reunião? — disse ele finalmente rompendo o silêncio.

— Não padre, vá o senhor. Vou esperar pelo meu amigo.

—Tenho certeza de que ele voltará — disse por fim, levantando-se e caminhando para a porta. — Amanhã eu volto e conto-lhe sobre a reunião. Adeus.

— Adeus padre, e obrigado.

Ele se foi e ela fechou a porta. Ficou pensando no que o padre disse. Pensou mais ainda em Daniel. “Por favor, Daniel, não esteja morto! Por favor”!

09

No fundo do poço

Há algumas quadras da casa de Ana, mais especificamente em um dos quintais perto da lanchonete, havia um poço. Neste poço não muito profundo, encontrava-se um homem desacordado.

O sol já havia nascido há algum tempo, mas só no meio da tarde, o que num dia reduzido acontece em questão de minutos, o sol iluminou o fundo do poço, acordando o homem sujo de lama.

— Minha cabeça! — gemeu, tentando sentar.

Olhou em volta e constatou que realmente estava no fundo de um poço. Tentou organizar as idéias.

— Meu nome é Daniel Barone — disse em voz alta. — Casado... pai de dois filhos... quer dizer... não mais casado... é!

Constatou que estava bem. Podia sentir um corte latejando em sua cabeça e o sangue seco em que em seu rosto havia escorrido. Olhou para cima e vislumbrou a borda do poço, iluminada pelo sol.

— Droga! Como é que eu vou sair daqui?

Tentou escalar as paredes do poço, mas eram de barro. Não havia aonde segurar. Ficou em silêncio para ouvir ao redor. Podia ouvir claramente o som de uma criança brincando.

— Ei! Ei você aí em cima, socorro! — ficou em silêncio novamente, e depois de alguns instantes viu surgir a cabeça de um menino, de talvez uns nove anos de idade. O menino olhava para baixo com muita curiosidade.

— O quê que você tá fazendo aí moço?

— Boa pergunta garoto, seus pais estão em casa?

— Não, tô sozinho.

— Então você vai ter que me ajudar — o garoto parecia indeciso. — Olha, não precisa ter medo de mim.

Eu só estava cortando caminho pelo seu quintal e cai no poço. Pode me ajudar?

O garoto fez que sim com a cabeça.

— Ótimo! Seu pai tem um corda em casa? — novamente ele fez que sim com a cabeça. — Então vai buscar.

O garoto sumiu da beirada e Daniel pode ouvir seu passos se afastando. Após alguns minutos ele voltou.

— E agora moço?

— Bem, uma ponta você amarra em alguma árvore, e a outra você joga pra mim — o garoto balançou a cabeça num sinal afirmativo e sumiu novamente da borda do poço. Logo ele voltou e deixou a corda cair.

— Você amarrou bem forte na árvore?

— Sim senhor! — respondeu o garoto.

— Ótimo! — disse Daniel, começando a subir.

Quando estava quase na metade do poço, a corda desamarrou e Daniel caiu novamente. Olhou para cima e viu que o menino estava gargalhando, com as mãos apertando a barriga. Daniel não perdeu a calma, afinal não queria assustar o menino. Foi fácil explicar para ele o que

estava fazendo ali, e não acreditava que seria assim tão fácil explicar isso aos pais dele.

— Você pode amarrar de novo?

— Sim senhor.

A ponta da corda que desamarrou não havia chegado a cair dentro do poço, de modo que o menino correu e a amarrou novamente.

— Pronto! — gritou o menino. Daniel puxou a corda com força, para ver se estava bem amarrada. Quando se convenceu que sim, começou a subir novamente. Desta vez conseguiu chegar até a borda e saiu do poço. Agradeceu o menino e deu-lhe alguns trocados.

— Obrigado.

— De nada moço, a minha mãe falou para ajudar os outros sempre que eu puder — disse o menino olhando fixamente para o dinheiro ganho. Daniel viu que era um bom garoto, e isso aguçou-lhe a curiosidade.

— Como é seu nome?

— Luiz — Respondeu.

— Escuta Luiz, você notou algo de estranho no céu? — quando o garoto ouviu isto, fechou o rosto numa careta e acertou os testículos de Daniel com um soco.

— Não há nada de errado com o céu! Viu! — gritou o menino num tom de braveza. Depois correu para dentro da casa, fechando a porta atrás de si.

Daniel caiu de joelhos. Esperou a dor ficar suportável para se levantar. Depois foi embora enquanto era dia, pois não queria mais se aventurar pelas ruas durante a noite.

Não podia deixar de pensar na reação do menino. Era realmente como Ana e o mendigo tinham lhe dito. As pessoas que não percebiam o que estava acontecendo, ficavam violentas quando alguém mencionava o fato.

10

Clint Eastwood

Enquanto caminhava para a casa de Ana, as pessoas o olhavam espantadas. Estava todo enlameado, e com sangue seco no rosto. Imaginava se Ana estaria bem. Pediu a Deus que sim. Pensou que talvez ela estivesse na lanchonete, mas não iria para lá sujo desse jeito. Quando virou a esquina para a casa de Ana, avistou um carro parado em frente. Não havia como saber se era o carro dela. Parou e ficou encostado em uma árvore, observando por alguns instantes. Quando ia começar a caminhar, viu um homem alto, vestido num terno bem engomado sair. Era um pouco velho, mas com uma fisionomia forte, e de certo modo charmoso. O jeito do homem e seu rosto marcado e forte, lembrava-lhe bastante o jeito do Clint

Eastwood. Notou que estava com ciúmes. Afastou essa idéia e continuou a observar o homem enquanto ele afastava-se para o lado oposto. Quando o homem desapareceu na outra esquina, Daniel seguiu novamente para a casa de Ana. Bateu na porta. Ana veio atender e quando viu que tratava-se de Daniel, puxou-o para dentro e o abraçou.

— Graças a Deus! Está ferido? — perguntou, olhando para o sangue em seu rosto.

— Só um pequeno corte na cabeça e alguns arranhões — ela o abraçou de novo, mais forte dessa vez.

— Graças a Deus Daniel, graças a Deus!

Ficaram abraçados assim por um bom tempo. Então ela pediu que ele tirasse a roupa e fosse para o banheiro. Daniel tomou um banho, vestiu roupas limpas, depois voltou para sala para conversarem. Ana havia feito café e alguns sanduíches que estavam numa bandeja sobre a mesinha, no centro da sala. Ambos serviram-se. Ana também não havia comido nada enquanto esperava por Daniel.

— O que aconteceu? — perguntou ela de boca cheia.

— Eu cai num poço — respondeu ele rindo. Ela também riu, usando a mão direita para tapar a boca. — É sério! Quando eu vi que não ia conseguir chegar até a lanchonete são e salvo, pulei para dentro dos quintais, e até consegui despistar aqueles malucos, mas acabei caindo num poço, estava escuro e... posso lhe fazer uma pergunta?

— Claro — respondeu ela curiosa.

— Quem era o homem que esteve aqui, algum namorado?

— Namorado? — ela começou a rir. — Era o Padre Jonas! Você ficou com ciúmes! Eu não acredito.

Ela estava gargalhando.

— Ciúmes?! Nada disso, você está confundido as coisas — disse ele sem jeito. — Eu fiquei preocupado, só isso!

— Tudo bem! Não precisa gritar — Ela ria à vontade, e, diga-se de passagem, satisfeita.

— Eu não estava gritando! O que esse padre queria afinal?

— Ele é um dos nossos, digamos assim. Veio avisar da reunião.

— Hoje?

— Sim. Já deve estar terminando a essa altura.

— Droga!

— Tudo bem, ele virá aqui amanhã.

Então Ana ficou séria. Contou a Daniel o que havia ocorrido: as batidas e as obscenidades; suas suspeitas e as explicações do padre; e o medo de que Daniel estivesse morto. Ele contou de sua luta contra os “malucos” que os tinham perseguido e da reação do menino que o ajudara a sair do poço.

— Cidade desgraçada! — exclamou ela. — Maldita cidade!

— Ei! Ainda temos um tempinho antes de anoitecer. Vamos até a biblioteca?

Ela estudou a possibilidade e concordou.

— Certo, mas só se formos rápidos.

Ele concordou e assim saíram para o carro. Daniel lembrava do caminho para a velha escola. Quando lá chegaram, a reunião já havia terminado e a escola estava vazia. Entraram pelos fundos, por um portão arrebitado que levava ao antigo estacionamento dos professores.

Deixaram o carro ali e foram direto para a biblioteca que ficava no segundo piso, sobre o pátio.

Caminhando pela antiga escola, Daniel foi inundado de recordações, mas as ignorou, pois deviam estar de volta antes do anoitecer, não podiam perder tempo. Tiveram que arrombar a porta. A escola inteira estava trancada, com tudo em seu devido lugar: livros, computadores e materiais de limpeza. Tudo aguardando somente a reforma que a tornaria adequada para as novas normas de segurança. Daniel foi o primeiro a entrar. Dirigiu-se para as estantes, pedindo que Ana procurasse nas gavetas alguma sacola. Passou da primeira estante para a segunda sem encontrar nada. Na segunda estante encontrou o que queria: um livro de capa azul intitulado de “OS GRANDES ENIGMAS DA HUMANIDADE”, de Luiz Carlos Lisboa e Roberto Pereira de Andrade; outro em vermelho de nome “O RITUAL ROMANO”; um exemplar de “O EXORCISTA”, de William Peter Blatty; e um outro chamado “FENÔMENOS NATURAIS E SOBRENATURAIS”, de Leonardo Salles Machado. Voltou até a mesa de registros e colocou ali os livros já encontrados.

— Encontrou uma sacola? — perguntou.

Ana estava agachada, revirando o balcão onde se guardavam os materiais da biblioteca.

— Ainda não — respondeu ela sem desviar os olhos do balcão. — Mas se tiver uma aqui, eu encontro.

Daniel voltou para as estantes. Passou os olhos atentamente entre os títulos. Parou ao ler o nome de Dante, e pegou o exemplar encadernado de “A DIVINA COMÉDIA”. Achou que já era o suficiente, passou então para os periódicos, que ficavam em alguns arquivos de metal. Experimentou puxar uma das gavetas. Estava com sorte, estavam destrancadas. Procurou em várias gavetas jornais e revistas antigas, mas não encontrou o que queria. Quando estava quase desistindo, olhou aleatoriamente em volta e deu de cara com o que procurava. Havia pendurado na parede um exemplar do jornal local com a notícia do Grande incêndio, emoldurado em vidro. Do outro lado da sala Ana berrou que havia encontrado um saco de compras. Daniel foi até a parede e retirou o quadro com cuidado, em seguida deixou-o cair de propósito. O barulho do vidro espatifando-se, assustou Ana. Daniel ouvindo o barulho, imediatamente lembrou-se de Dona Lurdes, a

bibliotecária do seu tempo de escola. Então disse baixinho:

— Desculpe o barulho Dona Lurdes.

Era comum ouvir isso na biblioteca, quando bagunçava com seus amigos. Ana ouviu e também se lembrou. Riu baixinho, como se Dona Lurdes estivesse ali para repreendê-los.

Daniel pegou o jornal. Limpou os cacos de vidro e o pó, o papel amarelo já estava se esfarelando de tão velho. Um dos estilhaços de vidro cortou-lhe a mão, enquanto esfregava o jornal para limpá-lo. O sangue escorreu e deixou um rastro vermelho sobre a manchete da primeira página.

— Droga! — praguejou ele.

— O que foi?

— Cortei a mão! Mas foi pouca coisa.

— Ainda bem! — disse ela aproximando-se.

Daniel levantou-se e pôs tudo na sacola de mercado, inclusive uma caixinha de cliques para papel, que estava sobre a escrivaninha. Foram para o carro. Ele entrou e deu a partida. Ana antes de entrar, olhou para o céu.

— Já está escurecendo. É melhor nos apressarmos!
— disse assustada.

Daniel concordou com um gesto de cabeça. Ela entrou no carro e eles partiram.

Quando chegaram em casa, o sol ainda não tinha se posto completamente. Agradeceram a Deus por isso. Ana desceu do carro e abriu o portão maior, um pouco ao lado do outro portão. Daniel entrou com o carro. Em seguida ela fechou o portão e ambos entraram na casa. Enquanto Ana fechava a porta, Daniel derramou o conteúdo do saco de mercado na mesinha da sala. Sentou-se e pegou o exemplar de “O EXORCISTA”, queria lê-lo o quanto antes. Ana o olhou espantada.

— Já? — perguntou ela. Era evidente que ela não tinha o hábito de leitura, mas Daniel não comentou nada a esse respeito.

— Sim, não podemos perder tempo. — disse Daniel voltando-se para o livro.

Só parou de ler para pedir um lápis. Enquanto lia, ia sublinhando o que achava importante, marcava a folha com os cliques que havia pegado na biblioteca. Já passavam de quatro da tarde, do que deveria ser um dia quente de

verão. No entanto, Ana teve que ascender a luz para que Daniel pudesse continuar sua leitura. Quanto mais escuro, mais frio ficava. Enquanto Daniel lia, Ana foi para a cozinha preparar algo para comerem, pois ao que tudo indicava, a noite ia ser longa.

Às duas da manhã Daniel estava quase terminando “O EXORCISTA”. Ana estava dormindo no sofá ao lado. Ela Havia folheado alguns dos outros livros antes de deitar. Disse que tinha anotado algo de interessante. Suas anotações, assim como as de Daniel, tinham sido sublinhadas a lápis e marcadas com um clipe de papel. Daniel estava quase dormindo sentado, mas não se entregava. Queria terminar o livro antes de dormir. Ele travava uma luta desigual com o cansaço, e inevitavelmente acabou perdendo. Caiu em sono profundo quando faltavam apenas algumas páginas para terminar o livro.

11

Batman e Sherlock Holmes

Acordaram com batidas na porta. Eram batidas de leve, respeitosas. Ana conhecia essas batidas.

— É o Padre Jonas — disse ela cheia de certeza.

Daniel esfregou os olhos e olhou para o relógio: meio-dia passado. O sol já brilhava. Ana ajeitou rapidamente o cabelo e abriu a porta. Realmente era o Padre Jonas.

— Bom dia! — disse ele cordialmente. “Sempre calmo”, pensou Ana.

— Bom dia padre! — respondeu ela com um sorriso. — Entre, por favor.

Ele entrou e caminhou até Daniel, que acabara de se levantar.

— Bom dia padre! — disse Daniel.

— Bom dia! — Ana os apresentou. Eles se cumprimentaram e sentaram-se, enquanto Ana foi preparar um café.

— Então padre? — começou Daniel. — O que acha disso tudo?

O Padre Jonas passou a mão direita pela boca até chegar ao queixo, como se alisasse um cavanhaque, e então respondeu:

— Sinceramente eu não sei. — olhou para os livros sobre a mesa, e depois para Daniel, que visivelmente tinha passado boa parte da noite acordado. — Vejo que andou estudando.

— É, um pouco.

— Chegou a alguma conclusão? — Daniel pegou a livro azul, e abriu-o em uma das páginas marcadas.

— Bem, neste livro Ana achou algo de interessante, que talvez possa nos ajudar — Daniel levantou a capa para que Jonas pudesse ler o título. — Aqui, há relatos de fenômenos documentados através da

história, jornais de época, revistas científicas, e de outros modos.

— Eu conheço o tipo — disse o padre.

— Pois bem. Num dos casos não explicados, há um que se chama: “NOITE AO MEIO-DIA”. Importa-se que eu leia para o senhor?

— De forma alguma!

— Certo. Aqui diz assim: “O dia de 26 de abril de 1884 em Preston, na Inglaterra, amanheceu como todos os outros, mas por volta do meio-dia as luzes das casas tiveram de ser acesas. Anoitecera de novo, como se a natureza tivesse cometido um erro por distração. O povo correu para as ruas, os animais se recolheram para dormir, as igrejas ficaram repletas de fiéis que temiam o fim do mundo. Por volta das 14 horas “amanheceu”: o sol voltou a brilhar, as estrelas desapareceram, os homens voltaram ao trabalho. Não tinha ocorrido qualquer eclipse nem havia nuvens no céu. Os astrônomos não deram explicações”.* Aqui também é citada várias partes do mundo onde fenômeno semelhante ocorreu, e o que é mais

* Texto extraído do livro "GRANDES ENIGMAS DA HUMANIDADE ", DE Luiz Carlos Lisboa e Roberto Pereira de Andrade. Círculo do Livro, São Paulo, 1986.

espantoso: com datas completamente diferentes! Ainda diz que não há explicações, tudo que há são apenas hipóteses.

— Realmente... de certa forma quero dizer, isto se assemelha ao nosso caso — o padre parou para pensar e depois concluiu. — Será que isso é passageiro? Será que tudo vai voltar ao normal? E porquê a maioria das pessoas não percebe o que está acontecendo?

— O senhor acha que trata-se de hipnose coletiva?
— perguntou Daniel.

—Talvez. Mas se formos aceitar esta hipótese, temos em primeiro lugar que descobrir a incógnita que nos faz perceber o acontecido, e aos outros não — Nova pausa. O padre fixou seus olhos nos de Daniel e sorriu. — Você tem a mente bem aberta meu jovem?

Daniel também sorri ao ouvir isto, e responde:

— É como disse Sherlock Holmes: “quando todas as hipóteses foram checadas e descartadas, o que restar, mesmo que seja absurdo... deve ser considerado”. Bem, não me lembro direito, mas acho que é mais ou menos isso — concluiu.

— Há aquele outro: “não há mistério que uma mente analítica não possa resolver” — disse o padre, ainda sorrindo.

— Quem disse esse? — perguntou Daniel. — Sherlock Holmes?

— Não tenho certeza — respondeu o padre. — Mas acho que foi o Batman!

Ambos riram feito crianças.

— Padre, o senhor é um sarro.

Neste momento, Ana voltou trazendo uma bandeja com café. Os dois se serviram e agradeceram. Depois Ana pôs a bandeja sobre a pequena mesinha entre eles. Daniel ajudou empurrando os livros para o outro canto da mesa.

— E então? — perguntou Ana. — Conseguiram alguma coisa?

— Só hipóteses — respondeu Daniel.

— Além de nos descontrair — completou o padre.

— Verdade — disse Daniel um pouco frustrado. — Sabem de uma coisa? Acho que daria qualquer coisa pra saber o que está acontecendo?

— Não diga isso meu jovem! — disse o padre. —
Lembre-se daquele ditado: “cuidado com o que você
deseja, pois você pode acabar conseguindo”!

Daniel deu uma gargalhada.

— Essa foi demais padre! De onde o senhor tira
essas coisas?

— Creio que a maioria é da TV.

O resto do dia, os três passaram juntos. Estudando e
debatendo sobre o fenômeno que lhes cercavam. Fizeram
várias anotações e cálculos, para serem apresentados aos
outros que também notavam o que estava acontecendo.
Iriam se encontrar logo depois do almoço, o que num dia
reduzido seria as duas da tarde. Ana fez o almoço e logo
em seguida partiram.

12

A reunião

Daniel estava dirigindo. Padre Jonas estava sentado ao lado, revisando algumas anotações. Ana estava atrás, segurando o resto dos livros e dos materiais que haviam preparado. Não haviam chegado a nenhuma conclusão, pretendiam apenas apresentar algumas hipóteses que tinham levantado, gostariam de discuti-las com o grupo. Durante uma parte do trajeto, o Padre Jonas alertou Daniel para não se assustar com o clima de paranóia do lugar. O grupo era formado por poucas pessoas, e muitos eram simples e estavam assustados. Contou que uma jovem de nome Linda havia se suicidado por não agüentar a pressão. Isso fez Daniel pensar no quanto os momentos de descontração eram importantes. Pensou se, por exemplo,

fosse Ana no lugar daquela moça? Este pensamento trazia outro consigo. O de que Ana estava se tornando importante em sua vida. Perde-la seria terrível. Perguntou-se por várias vezes desde que chegou a Águas Claras, se não estaria louco? Mas agora sabia que não. Pretendia descobrir o que estava acontecendo e por um fim no que quer que fosse. Deixou a mente viajar, pensou que podia até refazer sua vida aqui. Mas para que isso acontecesse, precisava manter a mente aberta para não cometer erros. Não podia entregar-se a loucura, e muito menos deixar que essa mesma loucura toma-se conta de Ana. Para tanto, precisaria da lucidez do Padre Jonas. Daniel depositou confiança total no padre, pois se alguém no mundo era capaz de resolver esse mistério, esse alguém era ele.

Quando entraram no estacionamento da escola, já haviam três carros ali estacionados. Daniel estacionou o Passat, desceu e ajudou Ana com os livros. O Padre Jonas Já havia descido e os esperava na rampa de acesso. Os três caminharam rapidamente pelo pátio, depois subiram para o segundo piso. A direita ficava a biblioteca, a esquerda a secretaria e a sala dos professores, além de um corredor que levava a um outro pavilhão, onde haviam várias salas.

— Padre, não seria mais lógico ficarmos o mais perto possível dos carros? —perguntou Daniel enquanto andavam.

— Não seja paranóico meu rapaz — respondeu Jonas. — Enquanto for dia, não temos com o que nos preocupar.

Daniel confiava em Jonas, mas um pressentimento se apossou de sua alma. Algo que dizia para ficarem próximos aos carros. Fez força para mandar esse pensamento embora, mas ele não foi. Ficou encolhido em algum canto de sua mente. Quando chegaram à última porta do corredor, Daniel pode ver que esta estava aberta. Entraram. Havia três pessoas ali dentro, sem contar com Daniel, Ana e o padre. Eram dois homens e uma mulher. A sala estava artificialmente iluminada, as janelas tapadas com grossas cortinas de algodão, tingidas de azul. Padre Jonas os apresentou:

— Este é Daniel — disse ele apontando para o rapaz com exemplar de “O EXORCISTA” na mão. — E estes são: Ricardo, Sandra e Nelson.

Cada um fez um pequeno gesto de cabeça quando o padre disse seus nomes. Ricardo aparentava uns trinta e

tantos anos. Era da mesma faixa de idade que Daniel e Ana. Usava um macacão azul sujo de graxa, pontilhado por várias manchas de óleo. Nelson era mais velho, talvez nos seus cinquenta e muitos; de longe se via que era um típico fazendeiro. Sandra, a mais jovem, não podia ter mais que dezenove. Havia no centro da sala, um círculo de cadeiras, Daniel notou que havia mais cadeiras do que pessoas, mas antes que pergunta-se algo a respeito, o padre adiantou-se.

— Onde estão os outros? — perguntou Jonas preocupado.

— Acho que nós somos os únicos, padre — disse Ricardo. — Duvido que alguém mais apareça.

— Também acho — concordou o fazendeiro. — O senhor sabe que desde a primeira reunião só estamos diminuindo. Linda foi a primeira, se suicidou. Aquele sujeito que falava engraçado foi espancado até a morte, e por aí vai.

— Sim, eu sei — por mais que não quisesse, Jonas sabia. Pessoas estavam morrendo. — Bem... Daniel Ana e

eu estudamos alguns fenômenos descritos em livros e levantamos algumas hipóteses.

Padre Jonas começou a relatar incidentes semelhantes, ocorridos com o distúrbio envolvendo o tempo, e deu uma pequena explicação sobre relatividade. O fez de forma bem simplificada. Fora Nelson todos pareciam entender, mas ele ficava fazendo caretas de concentração. Era como se o padre falasse uma outra língua, mas não fez perguntas. Depois o padre descreveu alguns dos sintomas de possessão demoníaca, e os comparou com os sintomas observados na população da cidade.

— Geralmente — começou. — As pessoas que estão possuídas — ou que acreditam estar possuídas —, agem como as pessoas daqui estão agindo. Sei que estou sendo bastante vago. Porém vagas também são as informações que temos, ou seja, nenhum de nós chegou a conversar com uma dessas pessoas durante a noite. No muito, só as ouvimos esbravejar. Já li casos de possessões coletivas, mas uma cidade inteira? Desculpem a brincadeira, mas acho que não há tantos demônios assim no inferno! Seria ingênuo, e até um pouco fanático de

minha parte aceitar está hipótese. Acho que devemos descartá-la por falta de mais informações, pelo menos por enquanto.

O padre preparava-se para continuar quando de súbito, empalideceu. Todos notaram sua expressão de pânico.

— Padre? — perguntou Ana. Todos estavam atentos ao padre. — Aconteceu alguma coisa?

Ele não respondeu. Seu olhar estava fixo numa direção. Parecia estar vendo um fantasma. Levantou o braço como se fosse um boneco articulado, apontando para o alto e para frente. Todos se voltaram ao mesmo tempo para a direção em que seu braço apontava.

No canto superior da parede que dava para o corredor, havia uma fileira de pequenas janelas. Na primeira delas estava um rosto. Todos sabiam que a parede era lisa. Para aquela coisa estar com o rosto ali na janela, só podia estar grudada na parede, ou encima de outra criatura como ela. Não era ilusão, todos estavam vendo. Aquele... aquilo não podia ser humano. Embora de longe, parecesse que um dia já foi. Olhos amarelos brilhavam para o padre e o seu grupo. Os músculos sem pele do

rosto, se abriam num sorriso diabólico, desproporcional ao tamanho da cabeça. Uma língua pontuda e comprida deslizava por entre os dentes pontudos e encavalados. Dentes compridos, tão compridos que seria impossível a criatura fechar a boca descarnada sem se mutilar. A criatura parecia uma mutação. Uma metamorfose interrompida na metade do processo, entre homem e demônio. E, no entanto, estava ali. Sorria deliciada com o pavor que provocava. Era real. Sua respiração embaçava o vidro. Podia ser vista. Podia ser sentida. O medo pairava no ar. O fedor de carne em decomposição era agora tão espesso quanto uma neblina. De repente, sem mais nem menos — num pulo —, a criatura desapareceu. Todos escutaram seus passos, que pareciam mais galopes se distanciando, até que sumiram por completo. Pelo som produzido era evidente que corria de quatro, como um cão.

Todos pareciam em choque. O padre foi o primeiro a se recompor.

— Que horas são? — gritou ele.

—Três e meia! — respondeu Daniel.

Ambos correram para as cortinas, as afastaram um pouco e olharam para fora. Escuridão total. Já era noite.

Daniel olhou novamente para as pequenas janelas que davam para o corredor. Por elas darem justamente para o corredor é que não havia visto a noite chegar.

— Daniel! — gemeu o padre. — Nossos cálculos estavam errados!

— Ou isso, ou o diabo trapaceou!

13

Dia reduzido

Daniel olhou em volta. Todas as janelas tinham grades. A sala havia sido bem escolhida. Havia um demônio lá fora, mas felizmente havia as grades. Estariam a salvo por enquanto. Ricardo correu para a porta e se certificou de que estava trancada.

— Será que a porta agüenta? — finalmente a tranqüilidade voltava a emoldurar as palavras de Jonas.

— Sim — Ricardo respondeu dando um tapa na porta. — A escola é antiga, mas a porta resistente.

— Graças a Deus escolhemos esta sala. — disse Jonas. — Nem todas têm grades. Esta só tem porque era aqui que guardavam os materiais de informática.

— Calma — disse Daniel com a voz firme. —
Ficaremos bem. Só temos que esperar o sol nascer.

— E se não houver mais sol? — perguntou Nelson.
Todos olharam para Daniel e o padre.

— Hoje o sol nasceu ao meio dia e se pôs as três
— disse o padre, como se estivesse dando uma aula.
Falava com a experiência de um de professor. — Creio
que amanhã teremos uma hora de sol.

Era inacreditável, um dia que duraria somente uma
hora.

— O que vamos fazer? — Era a voz de Ana. Mais
assustada do que nunca. Estava sentada no chão com os
braços em volta das pernas, o olhar distante. Daniel
sentou-se ao seu lado.

— Temos que sair da cidade.

— Ninguém consegue sair! — disse Sandra.

— Como assim?

— Em volta da cidade há uma névoa — começou
Jonas. — Várias pessoas avançaram por ela e
simplesmente desapareceram.

— E quem garante que essas pessoas não saíram
do outro lado. Longe dessa loucura.

— Eu cheguei a pensar nisso Daniel, mas não poderia abandonar essas pessoas — disse o padre. — No fundo elas não têm culpa de estarem agindo assim.

— Sinto muito ter que lhe dizer isso padre — Daniel parou para pensar. Estava escolhendo as palavras. — Nós nem sabemos com o que estamos lidando, está acima de nossa compreensão! Acho que agora é uma questão de sobrevivência! Amanhã só teremos uma hora de sol. Acho que devemos planejar nossos passos nos mínimos detalhes, e sinceramente acho que devemos tentar deixar a cidade.

— Eu concordo! — disse Ricardo.

Todos os outros concordaram. Agarravam-se assim, a uma última ponta de esperança. O padre se sentou. Esfregou o rosto com as mãos e encarou Daniel.

— Eu entendo — Disse Jonas. — Vocês devem deixar a cidade... mas eu vou ficar.

14

A bicicleta

Daniel olhou para o relógio pela milésima vez. Faltavam dez minutos para o meio-dia. A qualquer momento o sol ia nascer. Somente Nelson e as duas moças haviam dormido. Daniel se levantou e tratou de acordá-los. Depois foi até a janela e olhou para fora.

— Fiquem prontos! — bradou ele. — Assim que o sol surgir vamos correr para os carros.

Ana era a única que ainda estava sentada. Estava olhando para a pequena janela, onde aquela coisa havia esfregado o seu rostonojento. Daniel ajudou-a a se levantar, e depois se abraçaram. Ficaram apertados um no outro por algum tempo. Com um movimento suave ele se soltou dos braços dela e segurou seu rosto. Então a beijou.

Ela não fugiu. Não queria fugir. Queria beijá-lo tanto quanto ele queria beijá-la. E foi assim que aconteceu.

Neste momento o Padre Jonas avisou que o sol havia nascido. Não tinham tempo a perder. Ricardo destrancou a porta e Daniel assumiu a frente. Ana seguiu de mãos dadas com ele, e os demais vinham atrás. Do lado de fora havia marcar de garras e de cascos, feitos com lama, mas eles tinham pressa. Correram para o estacionamento. Quando lá chegaram, viram que os todos os carros tiveram seus pneus arrancados.

— Merda! — disse Nelson. — Opa! Desculpa padre!

— Merda mesmo! — Desabafou o padre.

— Nunca conseguiremos sair da cidade a pé — afirmou Ricardo, chutando um dos carros. — Não antes do anoitecer.

— Temos só uma hora — disse Daniel. — Seja lá o que vamos fazer, é melhor que seja logo. E então, Alguma sugestão?

Todos ficaram calados, vendo sua última chance se esvaziar como a areia de uma ampulheta.

— Já sei! — gritou Ricardo. — Tem a bicicleta do zelador! Ela pertence à escola.

Ninguém havia entendido.

— Não sei se uma bicicleta resolveria o problema — disse Daniel, pensando que talvez a pressão tivesse sido demais para a cabeça do mecânico.

— Não, vocês não entenderam. — Disse ele eufórico. — Há, não muito longe daqui, uma oficina para ônibus. De modo que eu usaria a bicicleta para chegar até lá, e depois voltaria com o ônibus pra pegar vocês. Que tal?

— Você acha que dá tempo? — Perguntou Daniel.

— Acho que sim.

— E se não tiver nenhum ônibus funcionando lá? Afinal eles estão lá é pra serem consertados. — Disse Nelson Preocupado.

— É um risco que temos que correr! — disse Daniel.

Ricardo não falou mais nada. Simplesmente correu para dentro do pátio e logo voltou sentando em uma *Caloi* Barra-forte, de um azul descascado. Logo desapareceu pelo portão.

— Será que ele voltará a tempo? — a pergunta do padre fazia sentido. Daniel ficou pensando na resposta.

— Honestamente eu não sei — respondeu por fim.
— Mas é melhor nos prepararmos para o pior.

15

Coragem

Eles esperavam o pior. Estava no ar, o pior viria. Assim sendo, todos juntos — e sem se separar um instante sequer —, vasculharam toda a escola. Na cozinha encheram várias garrafas com água. Levaram algumas para a sala onde poderiam passar mais uma noite, caso o mecânico não voltasse a tempo. As outras levaram para o estacionamento, para o caso do ônibus aparecer. Nelson e Daniel carregaram um fogão e um botijão de gás para a sala. O padre e as moças levaram tudo o que havia de comer para lá. Não havia muita coisa, apenas um pouco de arroz sal e macarrão, mas seria suficiente por alguns dias, caso fosse necessário. Todos esperavam que não, mas nunca se sabe.

Contudo, eles não pararam por aí. No depósito de materiais para Educação Física, encontraram colchões e cobertores, além de alguns bastões de madeira para aulas de ginástica. Eles poderiam ser úteis de uma forma ou de outra. Quando Daniel ia deixando a sala de Educação Física, viu jogada em um canto, uma corda não muito grande, e se lembrou do seu episódio no poço. Não pensou duas vezes, pegou a corda e levou-a consigo. Por fim, voltaram para a sala, e as moças prepararam macarrão com arroz. Nelson foi o primeiro a comer, depois disse que ia ao estacionamento, para esperar Ricardo. Avisaria quando ele chegasse. Daniel o segurou pelo braço e disse:

— Certo! Mas ao menor sinal de que o sol vai se pôr, volte correndo ou você ficara do lado de fora!

Nelson ficou sério. Daniel podia ver o medo nos olhos do homem, mas, no entanto, ele fez um sinal com a cabeça dizendo que tinha entendido. Depois partiu. Coragem. Palavra que surgiu na mente de Daniel. Todos os que estavam ali, livres da influência da noite, de uma forma ou de outra eram corajosos. O Padre Jonas, por exemplo: ele queria ficar... ou salvaria o barco, ou afundaria com ele. Ana e Sandra, apesar dos momentos de

susto, se mantinham calmas. Ana era uma das poucas pessoas que haviam sobrevivido a um ataque. Ricardo se propôs a buscar o ônibus, mesmo sabendo que se não chegasse a tempo ficaria trancado do lado de fora. O mesmo para Nelson, que vigiaria sua volta. Ele próprio também... Daniel havia se portado com estranha calma, chegando até a agir como uma espécie de líder em alguns momentos. Será que essa era a incógnita que o Padre Jonas procurava? Não havia meios de saber. Assim como não poderiam saber se haviam mais pessoas como eles, escondidas em algum lugar da cidade. Ninguém contestou quando o padre disse que ia ficar. Simplesmente respeitaram sua vontade. E se isso não fosse o certo a se fazer. Como saber se o mundo inteiro não estaria passando pelo dia reduzido, aproximando-se cada vez mais da noite eterna?

Não havia como saber. Tudo que sabiam, não passava de hipóteses.

— Você está bem? — A pergunta lhe trouxe de volta.

Era Ana. Sorria para ele. E por um momento se lembrou de quando eram crianças. Por que tinha que ser

assim? Passaram toda a infância juntos. Separaram-se e cada um viveu sua vida, suas decepções e suas desgraças particulares. E depois, enquanto catavam os cacos do que um dia foi o coração, se encontram e descobrem que se amam. A vida faz isso com as pessoas às vezes. Não era justo. Mas o que era justo no mundo? “Pouca coisa”, pensou Daniel. Pouca coisa.

— Sim! Estou bem.

Já estava quase no horário. Logo começaria a escurecer. Nem sinal de Nelson ou de Ricardo. Daniel queria ir até o estacionamento. Ana o tentava convencer a não ir, mas ele não podia deixar Nelson lá fora. Quanto a Ricardo, nada podiam fazer. Ana o convenceu a esperar mais um pouco. Ele esperou.

Parte Dois

Noite Eterna: O Domínio das Trevas

16

Ricardo e o milagre

Não muito longe dali, Ricardo, que já havia chego ao enorme estacionamento dos ônibus da cidade, tentava desesperadamente fazer um deles funcionar. Sabia que seu tempo estava acabando. Havia examinado rapidamente os veículos que ali estavam, e trabalhava agora no que apresentava melhores condições. A oficina estava fazendo, era assim aos Sábados, e isso não o incomodou.

— Vamos meu amor! — incentivava ao tentar dar a partida. — Pega desgraçado!

Mas não adiantou. Ele Desceu novamente de dentro do ônibus azul e branco, dirigindo-se para o motor. Examinou atentamente todo o conjunto de peças. O suor

lhe escorria pela testa. Parecia tudo em ordem, mas, no entanto, o veículo não ligava.

— Posso saber o que o senhor pensa que está fazendo? — disse uma voz atrás dele.

Ricardo virou assustado, como um ladrão pego em pleno ato criminoso. Era o vigia da oficina. Um homem gordo de bigodes pretos, num uniforme cinza que parecia duas vezes menor que o seu tamanho adequado.

— É melhor ir se afastando daí, bem devagar — disse ele enquanto balançava suavemente um cassetete de madeira.

— Calma! — Pediu Ricardo, afastando-se do ônibus devagar, estava levantando os braços para o alto. — Eu posso explicar!

— Espero que possa — disse o vigia. — Sua vida depende disso.

— Está vendo o macacão. — Disse Ricardo apontando para sua própria roupa. — Estou fazendo hora extra. É só isso.

O vigia franziu a testa.

— Se fosse isso eu deveria ter sido avisado.

— Ora alguém se esqueceu. E além do mais, se eu estivesse roubando alguma coisa, mas só estou tentando consertar o ônibus. Ou o senhor já viu alguém invadir uma oficina em pleno sábado para concertar um ônibus. — Isso pareceu convencer o vigia, que guardou o cassete em sua cinta de lona.

— Você fica aqui! — Disse o vigia. — Eu vou até o escritório telefonar, vou averiguar essa sua história.

Virou-se e começou a caminhar em direção ao escritório, que ficava do outro lado da oficina. De repente se voltou e disse:

— Como é que é o teu nome?

— Ricardo Silva. — Respondeu ele no susto.

Estava realmente assustado, e mentir não era o melhor de seus talentos. O vigia pôs-se a caminhar novamente para o escritório. Isso daria a Ricardo apenas alguns minutos para por o ônibus em movimento e sumir dali. Foi neste momento que um pensamento invadiu sua mente. Não queria estar ali quando escurecesse, pois provavelmente aquele vigia gordo e atarracado, se transformaria num demônio comprido e nojento. Subiu ao volante e tentou novamente dar a partida. Nada. Debruçou

a cabeça sobre o volante, e se entregou ao cansaço. Porém no momento em que levantou a cabeça viu algo que não tinha reparado antes. Do lado oposto ao do escritório, havia uma fileira de garagens menores. Desceu dali e correu para lá. “Um milagre”, pensou, “só preciso de um milagre”. Havia estacionado ali um microônibus, desses de turismo. Era o único veículo estacionado ali. Olhou para a prancheta de anotações em cima do balcão de ferramentas, onde se lia um enorme carimbo em vermelho, que dizia: “CONSERTADO”. “Realmente é um milagre”, pensou.

Examinou o veículo. Estava fechado. Não podia arrombá-lo, pois iam precisar das portas e janelas bem fechadas para evitar aquelas criaturas. Teria de ir até o escritório buscar as chaves. Assim o faria. Memorizou o número da placa para poder encontras as chaves, e começou a se esgueirar rumo ao escritório. De repente começou ouvir os gritos do vigia, que vinha a toda velocidade que seu corpo obeso permitia.

— Fique bem ai onde está seu vermezinho! — bradava com o cassetete na mão.

Numa certa altura do estacionamento o vigia passou por onde estava Ricardo, que se encontrava escondido atrás de um dos pneus de outro ônibus. Aproveitou-se do fato de o vigia estar agora de costas, e correu silenciosamente para o escritório. Entrou facilmente, pois o vigia havia deixado a porta destrancada. Olhou em volta. Havia uma parede cheia de chaves penduradas por pregos. Examinou rapidamente. Encontrou a que queria numa segunda passada de olhos. Podia ver o vigia o procurando ao redor do ônibus. Teria que passar por ele para chegar até o pequeno estacionamento. Mas o mais importante era que estava com a chave. Talvez ainda houvesse tempo.

Saiu do escritório e examinou o céu. Provavelmente conseguiria. Esgueirou-se novamente para trás dos ônibus, e começou a passar de um para outro. Iria assim até que chegasse onde queria. Funcionou assim até um certo ponto. O vigia havia desistido de procurá-lo daquele lado e estava voltando. Parava diante de cada ônibus, e os examinava atentamente. Ricardo tinha que pensar em algo, e rápido, pois faltavam apenas três ônibus para que o vigia chegasse onde ele estava escondido. Foi

quando Ricardo cedeu à pressão. Simplesmente se levantou e começou a correr em direção ao microônibus. Rapidamente o vigia já estava em seu encalço. Ricardo corria o mais rápido que podia, e até conseguiu ganhar certa vantagem. Porém num momento de descuido deixou a chave cair. Virou-se e lá estava ela, reluzindo no chão empoeirado do estacionamento. Estava apenas a alguns passos dele. Viu que o vigia também se aproximava, e com o cassete levantado sobre a cabeça. Sem mais hesitar projetou-se para frente num pulo e a agarrou. Foi exatamente neste instante em que o cassetete de madeira atingiu sua cabeça. O corpo desabou pesadamente. O vigia ficou observando-o durante alguns instantes. Depois o virou de barriga para cima. O sangue lhe escoria pela testa até o queixo. Ricardo gemia meio inconsciente.

Medidas extremas

Não muito longe dali, Nelson desistiu de esperar. Pôs-se a caminhar para o pátio. Enquanto caminhava, examinou os bolsos a procura de cigarros. Não encontrou nenhum. Daniel estava na porta da sala e o viu se aproximar

— Tem algum cigarro aí? — perguntou a Daniel. Este vasculhou os bolsos e encontrou o maço de Hollywood bastante amassado, no bolso da calça. Havia apenas dois cigarros. Daniel pôs um na boca e passou o outro para Nelson, que acendeu ambos com um *Bic* amarelo.

— Nenhum sinal dele — afirmou Nelson, como se Daniel tivesse perguntado. Talvez até tivesse perguntado com os olhos.

— Vai começar a escurecer — disse Daniel. — Se ele tiver juízo, vai procurar um lugar seguro para passar a noite, e tentar de novo amanhã.

— Isso se houver amanhã — retrucou Nelson.

Daniel o chamou para dentro, deu uma rápida olhada para o corredor, depois trancou a porta. Todos sabiam que se Ricardo não encontrasse um lugar seguro para se esconder, não duraria nem um minuto com aquelas criaturas perambulando por aí. Agora só restava esperar. Isso é claro, contando com a possibilidade de que amanhecesse. Coisa que o Padre Jonas não acreditava. “Se amanhecesse”, pensou ele, “o dia não duraria mais do que alguns minutos”. Tinha certeza de que não iria amanhecer, mas não falou isso com os outros. No fundo, sabia que todos pensavam como ele.

Além de esperar eles podiam planejar. Caso não amanhecesse, e nem Ricardo voltasse, eles teriam de sair dali, abrindo caminho de alguma forma. A comida e a água que tinham não durariam muito. Sandra tirou de sua bolsa um baralho de cartas. Já estavam velhas e ensebadas, mas serviriam para passar a noite. Daniel não se animou. Preferiu ficar sentado, olhando para o vazio. Os outros

tinham se sentado em um círculo para jogar. Enquanto Sandra embaralhava, o Padre Jonas foi até Daniel.

— Não quer jogar? — Perguntou.

— Não padre, mas obrigado.

— Já ouviu essa: “afaste-se dos problemas. Mesmo que por pouco tempo, pois não há tempo para idéias criativas quando se está reagindo a eventos”. — Disse o padre sorrindo.

— Quem disse essa, padre, o Batman?

— Exatamente. Venha se distrair um pouco.

Temos que permanecer calmos a cima de tudo, pois há muita pressão envolvendo nossa situação.

Jonas parecia ter recuperado totalmente o controle. Parecia ter reerguido sua fé. Sua voz era novamente carregada de esperança.

— E ponha pressão nisso padre! — Exclamou Daniel, abrindo um sorriso amarelo.

Ele sabia a importância de liberar sua mente e relaxar, mesmo que por alguns instantes. Mas não seria jogando cartas que conseguiria. Afastou-se do padre e apanhou uns dos livros que trouxera, cujo o título era: “FENÔMENOS: NATURAIS E SOBRENATURAIS”, e

pôs-se a lê-lo. O padre sorriu novamente e voltou para o jogo. Enquanto lia a introdução do livro, ocorreu a Daniel que passara os olhos por algo importante. Fechou o livro e começou de novo. Abriu-o no índice e correu o dedo por toda a página. Subitamente parou sobre um dos itens. Este mostrava a página de um capítulo intitulado da seguinte forma: “sob o Domínio das trevas”. “E que o diabo me carregue”, pensou Daniel, “se isso não for o que estamos enfrentando”. Rapidamente Daniel abriu neste capítulo e começou a lê-lo.

O livro dizia: “Desde os tempos mais remotos se tem notícias de cidades dominadas, invadidas e até governadas por um infindável tipo diferente de entidades, demônios, fantasmas, vampiros e até dragões. Todas são tidas como apenas lendas, pois não se encontram registros que realmente comprovem-nas. Há, por exemplo, na China, inúmeras fábulas de cidades atacadas e até tiranizadas por Dragões — que seriam neste caso — a representação do mal em sua forma física, ou seja, os Demônios. Um dos relatos mais interessantes fala de uma civilização que teria vivido no Brasil antes mesmo da colonização. Entre muitas das lendas sobre a cidade

perdida no coração do Brasil (ver: Lenda da Cidade Perdida pág. # #), há uma que vem sendo descartada por todos os estudiosos do assunto por ser a mais fantástica já contada até hoje. Nesta, se explica o fato da cidade não poder ser encontrada. Seria como a Ilha de Avalon, que se perdia na neblina e somente as sacerdotisas iniciadas pela Dama do lago, poderiam abrir caminho.”

“No entanto, a cidade perdida brasileira seria envolta por trevas, e dentro dela seria eternamente noite, onde os demônios que ali surgiram através de um portal aberto pelo próprio Deus do mal, aguardavam para um dia, dali saírem e se alastrarem pelo mundo.”

Neste momento Daniel levantou-se num pulo e gritou para que todos escutassem. Daniel entregou o livro aberto ao padre e pediu para que lesse em voz alta. O padre assim o fez. Enquanto lia sua fisionomia foi se fechando. Os outros ouviam atentos, com olhos esbugalhados. O padre havia lido até onde Daniel mandara, parou e o encarou. Depois se pôs a ler adiante:

“São poucos os casos de endemoninhamento que falam de um número tão grande de demônios, capaz de dominar uma cidade inteira, por exemplo, mas existem,

embora não comprovados. O maior foi o de um iate dominado pelo que seria um espírito do mal. Toda a tripulação, segundo relatos dos sobreviventes e dos exorcistas envolvidos, estava a mercê do tal espírito. O caso foi resolvido graças a um método de exorcismo todo especial. Os sacerdotes não executaram o exorcismo abordo do iate, que se encontrava em auto mar, e sim em uma miniatura de plástico do barco assombrado. Outros casos de se aplicar o exorcismo em bonecos e miniaturas de casas, vêm sendo feitos com bastante sucesso”.

— E então, padre, temos alguma chance? —

Perguntou Daniel, tentando adivinhar a resposta.

— Não é tão simples assim...

— Sinto muito padre, mas acho que não restou ninguém para quem o senhor possa pedir autorização para um exorcismo — concluiu Daniel, enquanto todos ouviam atentos. — O senhor pode fazê-lo?

— Não sei se teria forças!

— Mas é possível?

— Sim, talvez!

— Então prepare uma lista com tudo de que precisa, depois Nelson e eu vamos buscar.

Nelson quase gritou ao ouvir isso, mas ao invés disso apenas gaguejou:

— Não pode estar falando sério?

— Pois estou — disse Daniel. — Não posso obrigá-lo a ir comigo, mas estou pedindo.

Nelson abaixou a cabeça por alguns instantes. Pensou que o fim não estaria longe de qualquer forma. Já que logo morreria, então que fosse tentando viver ao invés de ficar sentado ali, esperando a comida acabar, ou devorado por uma daquelas criaturas.

— Pode contar comigo — disse por fim.

Neste momento o padre foi para junto dos livros e do material que havia trazido e começou a redigir uma lista. Daniel se voltou para os outros.

— Ajudem — começou. — Onde podemos encontrar perto daqui um carro que não esteja danificado? Pois a pé não teremos chance nenhuma.

Silêncio. Todos estavam pensando.

— Eu sei! — Disse Nelson. — Este pasto nos fundos da escola dá para uma fazenda. O proprietário... bem não me lembro o nome do sujeito, mas sei que ele tem vários veículos sabe, uma pequena coleção de carros

antigos. Talvez consigamos até atravessar o pasto sem sermos vistos.

Todos pareciam animados.

— Ótimo! — Exclamou Daniel. Parecia que os ventos da boa sorte tinham voltado a soprar sobre suas cabeças. — E que Deus nos ajude.

Todos disseram amém.

— Aqui está — disse o padre entregando a lista. — Mas ainda acho loucura!

— “Situações extremas pedem medidas extremas”, padre — disse Daniel tentando sorrir.

— Acho que tem razão.

— Certo! Bem... enquanto Nelson e eu estivermos fora, não abram a porta em hipótese alguma — a menos que se trate de nós ou de Ricardo. E tenham certeza que sejam realmente nós, e de que não estejamos possuídos.

Daniel pegou dois bastões de ginástica, os quais tinham encontrado na busca feita pela escola. Entregou um a Nelson e ficou com o outro. Ambos caminharam para a porta.

— Esperem! — Gritou o padre fazendo o sinal da cruz. — Que Deus esteja convosco! Vão com ele e em

nome dele... em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém!

Todos disseram amém em coro. Daniel e Nelson agradeceram com um sinal de cabeça. Depois, Daniel colocou uma cadeira junto à parede, subiu e olhou através das pequenas janelas do corredor. Parecia tudo calmo, mas não descartava a possibilidade da sala estar sendo vigiada. Mesmo assim saíram e a porta foi fechada atrás deles. Estudaram novamente o corredor. Após constatarem que estava vazio, começaram a caminhar com os bastões em punho. Ao chegarem ao pátio a tensão aumentou, pois ali seria um lugar ideal para uma emboscada. Não caminharam pelo centro do pátio e sim pelas laterais, de coluna a coluna, até o portão que dava para o estacionamento. O silêncio era aterrador e o escuro reinava. Nelson tinha uma pequena lanterna de bolso, não ousaria acendê-la de forma alguma. Avançaram até a pequena cerca, apenas alguns metros até o portão, e seguiram para a tal fazenda.

18

Através do capim

Enquanto os dois se afastavam da escola, em seu interior as coisas começaram a ficar piores. Dentro da sala, o padre estava ensinando Ana e Sandra, como deveriam agir para ajudá-lo durante o ritual de exorcismo. De repente as luzes se apagaram. No escuro, os três se entreolharam.

— Cortaram a luz! — Disse o padre.

— Meu Deus! — Ana quase gritava. Era evidente que os demônios sabiam que Daniel e Nelson estavam lá fora.

— Eles não podem entrar aqui, não é, padre? — perguntou Sandra.

O padre podia ver seus olhos brilhando no escuro, ela estava chorando. Ele tateou até encontrar a mão da moça e a segurou.

— Não — respondeu. — É um ataque psicológico. Ana me de a sua mão, vamos formar uma corrente. Ana procurou a mão do padre no escuro e a segurou. — “O senhor é meu pastor. E nada me faltará...”.

Em meio à escuridão total, Daniel e Nelson continuavam sua marcha. Já haviam avistado luzes mais a frente, era provavelmente a casa cede da fazenda. Estavam caminhando agora por um mato da altura da cintura. De súbito, Daniel parou.

— Está ouvindo esse barulho? — Perguntou.

Nelson fez que sim com a cabeça, e ambos olharam para trás. O barulho era produzido por algo que vinha velozmente em direção aos dois. Seja lá o que fosse, vinha submerso no capim como um tubarão rumo ao ataque, abrindo caminho velozmente pelo mar. Os dois se olharam rapidamente e começaram a correr, o que quer que fosse não tardaria a alcançá-los. Tudo o que podia se ver era o capim se deitando ao avanço do que quer que fosse. Era tão rápido que parecia estar voando rente ao chão, oculto

pelo mato. Daniel que tinha se adiantado um pouco, se voltou para se certificar de que Nelson ainda o acompanhava. Ele havia sumido. Provavelmente havia caído e estava oculto pelo capim.

— Nelson! — gritou Daniel. — Fique abaixado! Fique quieto! Talvez ele não te encontre.

Daniel forçou a vista, mas não conseguia ver nem o companheiro, nem o avanço da criatura. De súbito algo saltou voando do meio do mato. Foi como se tivesse sido arremessado, ou cuspidor por uma boca enorme. Era algo pequeno, e Daniel só identificou quando o volume caiu e rolou próximo aos seu pés. Era a bota de Nelson. Emersa em sangue e com um detalhe mais terrível que este. O pé de Nelson ainda estava calçado na bota. Para fora do calçado, saltava uma ponta de osso que consistia de uma parte do que fora a canela de Nelson. Daniel abriu a boca para gritar, mas o grito não veio. Seu hálito subia em forma de fumaça branca. Era o frio. Era a sensação de estar cercado. Era o medo. Estava petrificado olhando para aquele pedaço de carne que sangrava à sua frente. Não ouvira nem um grito sequer. Não houvera tempo. Mas se aquilo — seja lá o que fosse — era tão rápido, como ele

poderia ainda estar vivo. A menos que fosse necessário matar um para atormentar o outro. Algo estava brincando com ele. Algo que poderia devorá-lo sem dar tempo para que gritasse. Esse pensamento o pôs em movimento. Daniel começou a caminhar em direção a fazenda. “Se a criatura queria brincar de gato e rato”, pensou Daniel, “talvez houvesse uma chance de que o rato chegasse à toca”. Daniel tinha que jogar com o demônio. Faze-lo acreditar que queria vê-lo, pois assim o demônio se manteria escondido só para atormentá-lo.

— Aparece desgraçado! — Gritou, e em resposta só ouviu o silêncio.

Daniel se aproximava mais e mais da casa. Uma luz fraca iluminava a entrada. Era uma casa de madeira escura, num estilo rústico. Havia uma porta bem embaixo do fecho de luz, se estivesse trancada seria o fim; se estivesse aberta, mas com um demônio lá dentro... seria uma piada mortal. “Provavelmente não deve haver ninguém lá”, pensou. Talvez o demônio que o estava rodeando fosse até o próprio fazendeiro possuído. Parou a alguns passos da porta, se a criatura fosse atacar, seria agora. Estendeu sua mão para a porta. Nada aconteceu.

Deu mais alguns passos e sua mão tocou a maçaneta. Nada, nem um ruído sequer. Girou-a. Nem sinal da criatura. Daniel forçou a porta e ela se abriu. Apenas uma fresta. Algo a impedia de abrir mais. Daniel olhou a volta sem virar a cabeça. Olhou com o canto dos olhos, primeiro para a direita e depois, num rápido movimento de vista, para a esquerda. Nada. Então empurrou a porta e pulou para dentro da casa. Fechou a porta atrás de si. Rapidamente passou a mão pelo trinco, a chave felizmente estava ali. Trancou a porta dando duas voltas na chave. Fez silêncio para tentar ouvir se algo se movia lá fora, foi quando ouviu uma gargalha explodir nos arredores. “Maldito demônio”, pensou Daniel. “Maldito seja”. A gargalhada ainda ecoava na mente de Daniel. A coisa estava brincando com ele, mas não do jeito que Daniel havia imaginado. Agora, parecia que o rato havia caído na ratoeira.

19

A ratoeira

Daniel se afastou bruscamente da porta, pois sentiu que tinha pisado em algo mole demais para ser um móvel caído. Provavelmente, fora essa coisa mole que havia impedido a porta de se abrir totalmente no início. Tateou por um interruptor. O encontrou depois de alguns tropeços. Logo que a luz se acendeu, olhou para aquilo em que havia pisado. Gritou ao ver o braço de uma mulher que provavelmente havia sido devorada. Havia muito sangue e excremento humano em volta. Quando o grito de pavor morreu em sua garganta, pode ouvir novamente a gargalhada, satisfazendo-se com o susto bem dado. Porém a risada já não vinha do mesmo lugar. Parecia que vinha de trás da casa. Daniel sabia que as enormes janelas de

vidro não seriam suficientes para deter o demônio, caso ele pretendesse entrar. Tinha de agir o mais rápido possível. Daniel olhou em volta. Correu para o que parecia se um depósito no fim da enorme sala. Tratava-se do escritório do fazendeiro. A atenção de Daniel foi logo desviada para uma arma pendurada na parede. “Tomara que não seja só enfeite”, pensou em voz alta. Retirou-a da parede. Era uma carabina de repetição.

— Dez tiros — constatou. — Deus seja louvado!

Daniel pensou que se havia um motivo para Deus permitir armas no mundo seria este: matar demônios, se é que isso podia ser feito.

— Agora as balas Senhor! — Exclamou dirigindo-se ao enorme armário no fundo da sala.

Na terceira gaveta de baixo encontrou o que buscava. Uma caixa. Despejou as balas nos bolsos. De repente, Daniel sentiu uma presença na sala. Era o mesmo frio que sentira antes, quando o demônio rodeava Nelson e ele. Como se houvesse sido chamado, olhou para cima. Grudado ao forro, de quatro — como se fosse um gato que andasse pelas paredes —, estava uma criatura, que de longe lembrava uma criança. Das mãos e dos pés,

brotavam garras que estavam cravadas no forro de madeira. Tinha a cabeça torcida para trás e sorria para Daniel. Uma língua pontuda e comprida demais para ser humana, dançava por entre os lábios descarnados. Daniel começou atrapalhadamente carregar a arma. Tirava um cartucho por vez do bolso da calça. Introduzia uma por uma no compartimento de munição. Tudo com muita calma, sem tirar os olhos da criatura que lhe sorria. Ao colocar cinco ou seis cartuchos, engatilhou o primeiro disparo. O clique seco do metal ecoou pela sala. Em seguida Daniel apontou lentamente para a coisa presa ao teto. O forro não era muito alto, de modo que o cano da carabina ficou só há alguns centímetros do rosto da criatura.

—Você não vai *atirarr* — disse a coisa, em sua voz de demônio. — Não vai me *matarr*, e *sssim sssó* o garoto.

A criatura ria satisfeita.

— Sinto muito! — disse Daniel. — Mas é ele... ou eu!

O disparo fez a cabeça da coisa explodir em pequenos pedaços de carne. O coice da arma quase

derrubou Daniel, pois este a segurava com um só braço. O corpo sem cabeça, desprendeuse do teto atingindo o chão com um baque surdo. Daniel assistiu aquilo voltar a ser o corpo de criança. Foi até a janela da sala e arrancou uma das cortinas de lã branca, olhou para fora por alguns instantes, depois voltou para cobrir o corpo do garoto.

— Eu sinto muito — sussurrou.

Neste instante, a gargalhada do lado de fora se fez ouvir novamente. Daniel achava que havia tomado a decisão correta, pelo menos a mais correta devido as circunstâncias. Caso morresse ali, devorado por aquela coisa, como ficariam os outros? Como ficaria Ana? Salvá-la era o mais importante. Daniel preferia enfrentar Deus depois. No momento teria que enfrentar o demônio.

Pretendia salvar a cidade, e se alguns tivessem que morrer, assim seria. Acertaria suas contas com Deus depois, quando Ana não corresse mais perigo. Aceitava a responsabilidade. Usaria o mal para combater o mal, em nome de um bem maior. Não havia escolha. Neste momento, ele se ajoelhou ao lado do corpo da criança sem vida, ficou um pouco em silêncio, depois rezou um pai nosso em voz alta. Do lado de fora, a gargalhada do

demônio acompanhava a oração. O demônio parecia se deliciar com o ato de fé que Daniel demonstrava. Contudo, isso não o abalou. Pelo contrário, rezou com mais fé ainda, e terminou dizendo:

— “...e que meus rogos cheguem a ti.”

De repente a gargalhada cessou.

20

A desforra

Não muito longe de onde Daniel estava o Padre Jonas e as duas moças ainda se encontravam no escuro. Era um ataque psicológico, havia explicado o padre. É assim que o demônio costuma agir, minando a fé, expondo-nos nossas fraquezas e minando nossa concentração.

— Contem as cartas! — Gritou ele. — Encontrem as cartas de baralho espalhadas no chão e comecem a contá-las!

As moças obedeceram e começaram a tatear pelo chão em buscas das cartas e pondo-se a contá-las.

— Temos que nos concentrar, a fé requer concentração, esse exercício vai nos dar a concentração

necessária. Comecem a contar as cartas e ao acabarem, contem-nas de novo e de novo. Depois quando estiverem concentradas, comecem a rezar, mas sem deixar de contar.

— O que devemos rezar padre? — Perguntou Ana já contando um punhado de cartas que estavam próximos a ela.

— Vamos chamar nossos Anjos da Guarda! Se não souberem me acompanhem — começou, — “SANTO ANJO DO SENHOR! MEU ZELOSO GUARDADOR, SE A TI, ELE CONFIOU-ME A PIEDADE DIVINA, GUARDA, PROTEGE E ILUMINA-ME!”.

As duas ouviram a primeira vez e começaram a repeti-la daí por diante. Assim seguiram, rezando em concentração. Sentiam realmente uma presença no ar, estavam mais calmos agora, como se o anjo de cada um estivesse com a mão sobre seus ombros. Subitamente o padre parou de rezar. As moças se entre olharam no escuro.

— O que foi padre? — Perguntou Ana.

— Talvez nada, mas acho que ouvi alguma coisa!

Ficaram então em silêncio. Neste momento o padre teve uma idéia. Tateou até o fogão que haviam pegado antes de escurecer, e acendeu uma das bocas. A luz azulada da chama clareou um pouco a sala.

— Sei que devemos economizar o gás que temos para a nossa alimentação, mas acho que no momento precisamos de alimento espiritual. Vocês vêem como a luz afugenta as sombras? É assim que nossa fé deve ser usada.

De repente, ouviram um som de colisão, e a luz fraca do fogão foi suficiente pra revelar que algo batera violentamente contra a pequena janela que dava para o corredor. E ali, onde antes eles viram o rosto de um dos demônios, estava agora o rosto de Nelson. Algo o estava segurando de modo que seu rosto ficasse exposto na pequena janela. Nelson estava nitidamente morto: olhos sem vida, olhando para lugar nenhum; uma parte o rosto parecia ter sido arrancada com uma mordida, ele estava sem o couro cabeludo, de onde jorrava ainda pequenos rios de sangue que ondulavam pelo rosto mutilado. As moças viram o rosto e gritaram. O padre teve de tapar a boca para não gritar, pois tinha de se manter calmo, ou as moças estariam mais sozinhas do que já estavam. Uma

gargalhada horrenda surgiu servindo de trilha sonora para a cena, e era a mais terrível gargalhada que um dia alguém podia ter ouvido. Uma gargalhada que revelava todo o prazer de se alimentar do medo que provocava, fazendo-a soar assim, mais e mais alta, gerando mais medo, criando um círculo vicioso e diabólico. De súbito, a gargalhada cessou e o rosto de Nelson foi-se junto com ela.

— Calma! — Pedia Jonas. — Ele está tentando abalar nossa concentração! Escutem-me, por favor!

Demorou alguns instantes, mas as duas lhe deram ouvidos.

— Essa coisa pegou Nelson, então Daniel também estar morto! — gritou Ana para o padre.

Ela chorava e cobria o rosto com as mãos como se não quisesse ver a realidade a sua volta.

— Eu tenho certeza de que ele está vivo! — gritou o padre de volta. Ana descobriu o rosto para vê-lo.

— Como padre! Por favor, como?

— O demônio não perderia a oportunidade de mostrar que o matou. Como ele não nos mostrou o corpo de Daniel, foi por que alguma coisa manteve o demônio

longe dele. Não sei, talvez por alguma razão o demônio preferiu não enfrentá-lo, e assim sendo ele se afastou de Daniel.

“Ele então veio dar a desforra em nós, mas não podemos deixar que essa pequena vitória de Daniel seja em vão! Peço que me ajudem, não podemos deixar o demônio abalar nossa fé em Deus e em Daniel, vamos despejar nossas esperanças e orações Neles, pois essa é a nossa única saída!”

— Certo! — Disse Ana com raiva. — Vamos rezar pra que Daniel ferre com esses FILHOS DA PUTA!

21

O Maverick

Daniel estava vasculhando a casa. O demônio que havia gargalhado antes parecia ter sumido, mas mesmo assim Daniel não baixou a guarda. Carregou a carabina com os dez cartuchos que ela suportava e reabasteceu os bolsos. Abriu gavetas e portas até encontrar tudo o que precisava. Nesta busca encontrou uma faca de caça e a prendeu em sua cintura. Encontrou também um terço branco de plástico e o enrolou no pulso direito. Havia encontrado também uma lanterna. Na porta dos fundos, encontrou um molho de chaves, e em uma delas havia um pedaço de fita crepe colado, nele havia a palavra “GARAGEM” escrita a lápis. Olhou por uma pequena

janela e viu um galpão pré-moldado há alguns metros da casa. Abriu a porta e foi para o galpão com passos firmes.

— “O Senhor é meu Pastor, e nada me faltara...”
— dizia em voz alta. — “... e mesmo que eu caminhe pelo Vale da Sombra da Morte, não temerei mal algum”.

Apesar da lanterna não iluminar muito, decidiu caminhar e não correr. Assim seguiu, com passos firmes e a arma em punho até a porta do galpão. Olhou em volta, apenas com o canto dos olhos. Não havia nada. Introduziu a chave, destravou a porta e entrou trancando-a atrás de si. No Galpão não havia janelas, só a pequena porta de metal por onde entrara e uma outra maior para a saída dos veículos, ambas fechadas por dentro. Estaria seguro ali.

O lugar estava repleto de veículos cobertos com lona, cheirava a pó e óleo combustível. Perto da pequena porta havia um pedaço de madeira pregado na parede, onde várias chaves estavam penduradas. Daniel ergueu a lona do primeiro carro. Tratava-se de um Maverick azul escuro. Não podia ser melhor. Foi até as chaves e pegou a que queria, voltou e entrou no carro. O tanque estava cheio.

— Obrigado Senhor! — Disse ele. — Eu pedi... e o Senhor me concedeu. OBRIGADO!

Em seguida deu a partida e o potente motor gritou como se estivesse vivo. Guiou-o até a grande porta de metal, desceu para abri-la, depois voltou para o carro e partiu.

Daniel não podia ir pela estrada, pois não conhecia bem o caminho e tinha medo de se perder. Assim sendo, virou o carro na direção ao pasto que atravessara com Nelson, e seguiu rumo a escola. A cerca que separava o pasto da escola era velha e baixa, e o motor do Maverick era forte o suficiente para derrubá-la. Enquanto dirigia pensava como tudo estava dando certo. Realmente só podia ser ajuda Divina. “Talvez”, pensou ele, “estes pequenos milagres sempre acontecem ao longo de nossas vidas, mas nunca nos damos conta”. Sentia-se seguro, pois Deus estava do seu lado. Estava no caminho certo. Quando estava atravessando a parte do mato alto, escutou um barulho em cima do carro e o forro do veículo afundou um pouco. Daniel encostou o cano da carabina no ponto do forro onde a criatura parecia estar e disparou, abrindo

ali um rombo fumegante. Logo em seguida ao tiro, escorreu pelo pára-brisa um fino jorro de sangue.

— Te peguei desgraçado! — Bradou Daniel.

Daniel freou um pouco o carro, esperando ver o corpo do demônio cair pela frente, para poder atropelá-lo. De certa forma foi o que aconteceu... só que foi o corpo sem vida de Nelson que rolou pela frente do veículo. Daniel pode identificá-lo de relance, mas não foi rápido o suficiente para evitar atropelá-lo.

— Meu Deus! — Gritou assustado.

Olhou pelo retrovisor tentando vê-lo, mas não conseguiu. Estava muito escuro. Quando olhou novamente para frente do veículo, viu somente que ia atingir uma árvore.

22

Fé cega

Na escola, o padre e as moças continuavam rezando por um milagre. Quando escutaram batidas na porta, o padre se encaminhou para perto e subiu em uma cadeira. Tentava ver pela janela que dava para o corredor. Tudo que pode ver era um vulto deitado perto da porta. As batidas continuavam e estavam aumentando de ritmo e de força.

— Daniel? — gritou o padre. — É você?

Não houve resposta. Seja lá o que fosse, parecia querer arrombar a porta. O padre desceu da cadeira e foi para junto das moças, pegou um dos bastões de madeira e se posicionou na frente delas.

— Caso o pior aconteça, fiquem atrás de mim!

Repentinamente, uma chave de fenda atravessou a brecha entre a porta e a parede. O que quer que fosse começava a forçar a porta para fora, usando a chave de fenda como se fosse uma alavanca. O barulho da madeira cedendo foi ficando cada vez mais forte. Não havia como saber o que era, mas logo descobririam, pois a coisa não tardaria a entrar. Neste momento, a chama do fogão foi ficando cada vez mais fraca, diminuindo assim a pouca luz do ambiente. Logo estariam no escuro, mas isso pouca diferença faria, se aquilo que tentava abrir a porta entrasse.

— Vamos morrer! — Sandra chorava mais do que falava. — Por que meu Deus?

Ana amparou a moça e as duas se encolheram no chão, num abraço mútuo de pavor. Jonas continuava em pé. Firme como uma rocha. Caso o demônio entrasse, o que parecia ser provável, teria que matá-lo para chegar até as moças. E assim seria, morreria se fosse preciso. Não queria creditar que tudo terminaria assim, pois eles haviam rezado e implorado por um sinal, uma ajuda, e, no entanto, estavam prestes a serem atingidos pelo mal na sua forma mais cruel e voraz. E foi neste terrível momento que a chama já fraca do fogão se apagou. O escuro dominou

novamente a sala e com um brusco som de madeira sendo partida a porta se abriu. Devido ao escuro só puderam ver o sangue que escorria da boca do vulto.

Enquanto tudo isso acontecia na escola, Daniel levantou a cabeça do volante e olhou para a árvore com a qual havia se chocado. O Motor do carro fumegava. Passou as mãos no rosto e constatou que fora o susto, estava bem. Pegou a arma e saiu do carro. Era evidente que este não andava mais. Começou a caminhar de volta para a fazenda.

— Tudo de novo — disse baixinho. Estava chorando. — Tudo de novo meu Deus!

Ele parou e olhou para cima como se esperasse ver a face de Deus, olhou e gritou:

— Espero que esteja gostando do espetáculo!

Olhou em volta. O demônio poderia estar em qualquer lugar, escondido, submerso no mato e esperando para dar o bote. Quando começou a caminhar o mato se moveu atrás dele e antes que pudesse se virar o demônio o atingiu com um murro que o fez voar alguns metros. A carabina havia se soltado de sua mão estava caída em

algum lugar daquele mato alto. Daniel ficou caído, gemendo com a dor da pancada nas costas. O demônio ria baixinho e caminhava calmamente em sua direção.

— Então você é o guerreiro de Deus! — Disse o demônio com sarcasmo. — Os Anjos deviam ter mandado alguém melhor. Você me faz lembrar dos resistentes de Israel. Não era fácil naquela época, mas isso foi há muito tempo. Foi divertido, eu confesso. Francamente eu adorei quando você explodiu a cabeça da criança. Infelizmente as almas das crianças não me pertencem, são muito difíceis de se corromper, mas no momento a sua me servirá. Você será meu!

— Talvez sim... mas não hoje! — Gritou Daniel enquanto saltava para o demônio, cravando a faca de caça no pescoço do corpo possuído.

O corpo da criatura se contorceu para trás, um grito de ódio explodiu no ar, enquanto Daniel fugia. O demônio meio cambaleante começou a correr de quatro atrás dele, como um lobo faminto atrás de sua presa.

— VOCÊ ME PERTENCE! — Gritou o demônio com sua voz rasgada.

Daniel tinha ganhado uma boa distância do demônio, mas não chegaria à fazenda a tempo. Imaginou-se tendo o mesmo destino de Nelson, e começou a chorar novamente.

— Por que meu Deus? — Murmurou enquanto corria. — Estava tudo certo! Por que me abandonou?

De súbito começou a ouvir um ruído de motor, e não muito longe pode ver dois faróis acesos vindo em sua direção. O demônio, tomado pelo ódio só pode perceber a aproximação do veículo quando este o atropelou a toda velocidade. Era um pequeno ônibus que agora parava ao seu lado. A porta se abriu e no volante estava o Padre Jonas, os outros o acompanhavam, inclusive Ricardo.

— Venha! — Disse o padre.

Antes de entrar no ônibus, Daniel olhou para o céu e disse:

— Perdoe-me meu Deus! Eu estava errado — Daniel entrou e o ônibus partiu.

Parte Très

Preces

Sacrifício

Daniel assumiu a direção. O Padre Jonas indicava-lhe o caminho que devia seguir para voltar à estrada.

— Pra onde vamos? — Perguntou Daniel.

— Temos duas alternativas — disse o padre. — Ou tentamos sair da cidade, ou fazemos o exorcismo. E então?

— Vamos ferrar com os desgraçados! — Disse Sandra com raiva.

Todos concordaram com um sinal de cabeça, inclusive Ricardo que estava quase inconsciente. Daniel reparou o curativo feito em sua garganta e perguntou o que havia acontecido. O padre contou que Ricardo voltou para a escola e aparentemente teve que lutar com uma dessas criaturas para conseguir voltar. Não tinham como saber

como foi exatamente, pois ele fora ferido na garganta e não conseguia falar, por isso teve que arrombar a porta da sala na escola, para poder entrar e os levar até o ônibus.

O padre mostrou o caminho para Daniel voltar à cidade, disse que poderia encontrar quase tudo o que precisava para o exorcismo na igreja, e para lá seguiram.

— Na igreja estaremos a salvo — começou a explicar o padre. — De lá, eu posso realizar o exorcismo da cidade.

— Primeiro vamos ter que chegar lá padre — retrucou Daniel.

— Sim eu sei, mas já fomos muito longe pra desistir agora. Logo entraremos na cidade, com certeza seremos atacados, mas acredito que o ônibus deva resistir até a igreja.

Quando entraram na cidade, Daniel pôs o ônibus a toda velocidade. Não demorou muito, e uma legião de endemoninhados pôs-se a segui-los. Gritavam e jogavam pedras, mas até aí tudo bem. Numa certa altura, Daniel teve que parar, pois uma multidão de possuídos se juntava para impedir que o ônibus prosseguisse.

— Estamos cercados!

— Calma Ana — disse Daniel. Todos estavam atentos.

— Passe por cima! — Gritou Sandra se ajoelhando e abaixando a cabeça entre as pernas.

Ana começou a consolá-la. Do lado de fora, a multidão começou a se fechar ao redor do ônibus.

— Me ajude padre! — Disse Daniel. — O que eu faço?

Daniel buscou os olhos do padre, mas tudo que viu foi medo e dúvida, assim como nos seus. De repente de um dos becos veio a resposta. Um velho mendigo começou a correr na direção oposta a multidão de demônios.

— Venham me pegar desgraçados! — Gritava o mendigo. Daniel imediatamente o reconheceu.

— Eu conheço aquele homem!

Daniel estava certo, aquele que agora se arriscava para salvá-los, era o mendigo espancado que Daniel encontrara antes. O mesmo que lhe havia dito sobre as trevas. O demônios ao verem o velho, avançaram para ele com uma fúria assassina, como hienas cercando a presa

em desvantagem. O grito do velho mendigo se perdeu aos uivos dos demônios.

— Temos que ajudá-lo! — Disse Daniel. Mas o padre o segurou pelo braço.

— Ele se sacrificou por nós! Não deixe que seja em vão!

Ao ouvir isso, Daniel olhou para a rua e ela estava vazia. Os demônios que a bloqueavam se encontravam agora, devorando o pobre mendigo. Daniel sem hesitar mais, pisou no acelerador fazendo o motor rugir como um dragão. O ônibus seguiu em frente. Alguns demônios ainda tentaram se segurar ao ônibus, mas era tarde demais.

— Vamos para igreja, e não pare! — Ordenou o padre, e assim seguiram.

Procissão profana

As ruas se mostravam desertas agora, parecia que os demônios haviam desistido da perseguição, mas isso era esperar demais da sorte. O que parecia mais provável, é que uma armadilha parecia estar sendo montada.

Depois de alguns minutos, o ônibus chegou a praça da igreja matriz. Esta estava tão sombria quanto à própria igreja. Daniel parou o ônibus em frente à escadaria da porta principal. Ao redor tudo parecia calmo, mas geralmente é assim que tudo fica antes da tempestade.

— Calmo demais — disse Daniel, examinando os arredores da igreja. — Eu vou primeiro e abro a porta pra vocês.

— Não — começou o padre. — Eu vou.

Ele abriu a pasta onde trazia suas anotações, e dela retirou uma pequena bíblia preta que estava enrolada em sua estola. Pediu para que Daniel abrisse a porta do ônibus e saiu. Enquanto caminhava desenrolou a estola da bíblia e a deixou cair sobre os ombros. Jonas parou diante da escada e olhou em volta. Tudo calmo, “calmo demais para os nervos de um homem”, pensou Jonas enquanto subia as escadarias. Ao chegar à porta, constatou que esta estava destrancada. Ele a abriu e fez um sinal com as mãos para que os outros corressem para dentro da igreja. Daniel ligou o ônibus e subiu com ele pela calçada até os pés da escada. Novamente a porta do ônibus se abriu e as duas moças desceram amparando Ricardo, que caminhava com dificuldade. Daniel permaneceu no ônibus, vigiando a caminhada dos amigos. Quando estes estavam no meio da escadaria, um demônio saltou aparentemente de lugar nenhum, bem diante da porta do ônibus e rosnou para Daniel. A saliva grossa e esverdeada escorria-lhe pelo queixo e a língua enegrecida dançava fora da boca como uma cobra, hipnotizando Daniel tempo suficiente para a criatura pudesse segurar porta do ônibus, antes que ele pudesse fechá-la. Quando tentou fazê-lo, a criatura ficou

presa na porta com um dos braços para dentro. Daniel deu a partida no ônibus que arrancou com toda a velocidade possível, atravessando a rua e subindo numa das calçadas opostas. Daniel fez a lateral do veículo se chocar contra um muro. Durante o ruidoso choque, Daniel viu o braço da criatura ser rasgado do corpo pelo atrito provocado entre o metal e o concreto, deixando no muro um enorme rastro de sangue. Neste instante, ao tentar fazer o veículo retornar, Daniel traçou um curva muito fechada, o que fez o ônibus tombar devido a velocidade em que estava. Este se arrastou até a caçada da praça da igreja, só parando ao se chocar com uma das árvores.

— Daniel! — Gritou Ana em meio a chuva de faíscas provocadas pelo acidente.

Jonas teve que segurá-la, pois ela pretendia ir até a praça. Alguns instantes depois Daniel saiu por uma das janelas de emergência do veículo tombado. Estava banhado em sangue, ao pular no chão não suportou o peso do próprio corpo, caindo primeiro de joelhos e depois pesadamente com o resto do corpo.

— Eu vou buscá-lo! — Disse Ana.

— Vejam! — Sandra apontava para o outro lado da rua. O que viram conseguiu surpreender a todos, mais do que qualquer coisa que já tivessem presenciado. Uma multidão de demônios caminhava lentamente, numa profana procissão. Um deles, o mais alto caminhava na frente, em pé. Os outros vinham de quatro ou arrastando o corpo no chão, mas todos transmutados em demônios. O que vinha na frente, parecia um líder comandando suas tropas, e andava imponente como um príncipe. De sua testa brotavam um par de cifres negros, e o mesmo acontecia com os músculos sob a pele, como se o demônio dentro do corpo humano, rasgasse seu caminho para fora.

— Entrem na igreja! — Gritou Daniel. — Entre Ana, pelo amor de Deus!

Ana gritou que não.

— Jonas! Faça-a entrar, por favor!

Apesar do esforço, Daniel não conseguia se levantar. A horda de demônios se aproximou, e neste instante Jonas puxou Ana para dentro e fechou as portas da igreja. O padre sabia que ver o que aconteceria com Daniel, não traria nem um bem a moça. Os demônios pararam diante dele. O líder levantou Daniel com uma só

mão. Os enormes dedos se fecharam no pescoço do rapaz, mas o demônio não apertou, apenas o levantou até que o rosto de Daniel ficasse frente ao seu. Daniel sentiu o hálito quente e podre da criatura lhe banhar o rosto. Os olhos sem vida o examinavam com ódio.

— Você enfiou uma faca na minha garganta — disse o Demônio, sua voz era rouca como um trovão. — Mas talvez eu aceite um pedido de desculpas. O que me diz?

Os outros demônios soltaram pequenas risadinhas sujas.

— Vai pro inferno! — Gemeu Daniel.

— Eu vim de lá! — Os outros demônios explodiram num corro de gargalhadas. — Talvez um dia eu lhe mostre como é.

— Ei, me faz um favor! Acaba logo com isso e volta pra lá! — Retrucou Daniel, estava com muita raiva para sentir medo.

— Você quer que eu o mate? Sinto contrariá-lo, mas você será o último, você e o *porco-padre*, talvez eu até bata as cabeças de vocês uma na outra, até a morte.

Corrija-me se eu estiver errado, mas este seria um ato de comunhão, não é mesmo?

— Comunhão seria o meu pé na tua bunda, cretino!

— Os demônios explodiram em gargalhas ao ouvirem Daniel.

— SILÊNCIO!!!! — Bradou o demônio. O hálito expelido com o grito fez Daniel contorcer o rosto.

— Não adianta me irritar, eu não vou matá-lo agora, pois quero que você veja sua amiga porca morrer.

Daniel ia revidar a ameaça quando o demônio pôs um pouco mais de pressão em seu pescoço, mantendo-o calado.

Jonas e a baleia

Enquanto Daniel estava tendo sua conversa particular com o demônio, Jonas já havia vestido a batina, ajeitado a sobrepeliz e a estola. Havia também servido o altar da igreja de água benta, e a bíblia estava aberta, também sobre o altar. Na mão esquerda segurava um exemplar d'O Ritual Romano, e na outra um crucifixo de prata. Os outros estavam atrás dele, ajoelhados e já em oração silenciosa. Jonas havia explicado que o demônio não poderia tocá-los, caso se mantivessem rezando com fé. O que ele poderia fazer era iludi-los com mentiras. Disse que o demônio poderia hipnotizá-los, e se deixassem de ter fé, então o demônio os mataria ali mesmo na igreja.

As luzes da igreja estavam acesas e a claridade era acolhedora, porém não durou muito. Num só estrondo, a porta dupla da igreja caiu pesadamente para dentro, revelando o Diabo. Ele estava parado na entrada, com sua legião amontoada atrás de si. Ele segurava Daniel, que parecia morto, pendurado em seu ombro como se fosse um troféu. O demônio tinha uma expressão solene.

— Não olhem pra ele! — Sussurrou o padre. — Continuem rezando!

Ao dizer isso Jonas encarou o Diabo, estendeu o braço, olhou-o nos olhos e fez o sinal da cruz.

— “EM NOME DO PAI, DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO!!!!”.

— AMÉM!!! — Disseram as moças em coro.

O Diabo sorriu, num só movimento atirou o corpo de Daniel, que se chocou violentamente contra alguns dos bancos da igreja.

— “PAI NOSSO QUE ESTÁS NO CÉU...” — começou Jonas, olhando atentamente para os olhos do demônio.

Enquanto o padre rezava o Pai Nosso em voz alta, os outros demônios começavam a se afastar da porta da

igreja, estavam se empoleiravam na escadaria. O Diabo, no entanto, continuou imóvel, estacado diante do olhar severo de Jonas.

— “SENHOR MEU DEUS, CRIADOR DOS CÉUS E DA TERRA, DEFENSOR MAIOR DE NÓS, CONTEMPLAI COM PIEDADE ESTE TEU POVO, QUE SE ENCONTRA NAS GARRAS MALÉVOLAS DO MAIS ANTIGO INIMIGO DO HOMEM, QUE JUROU VINGANÇA CONTRA NÓS TEUS FILHOS...”.

Neste momento o demônio gritou como se estivesse sentido uma dor terrível. O grito de ódio ecoou pela igreja, fazendo Ricardo e as moças se encolherem e se abraçarem.

— Como ousas? — Disse o Diabo entrando na igreja, pondo-se a caminhar para o altar com os olhos injetados de ódio.

Conforme seus cascos tocavam o piso da igreja, volumosas nuvens de fumaça branca se desprendiam deles. Jonas, no entanto, não se abalou.

— “SALVA TEU POVO, QUE CONFIA EM TI SENHOR...”.

— Como está a tua fé, padre? — Perguntou o demônio em tom de deboche. — Hã? Diga-me *Padréco*, como anda a tua tola fé?

Jonas fez-se de surdo, e prosseguindo com o ritual.

— NÃO ME IGNORE CANALHA!!!! —
Bravejou o Diabo, que estava agora no meio da igreja.

— “ORDENO-TE QUEM QUER QUE SEJAS, ESPÍRITO IMUNDO” — Jonas prosseguia.

Neste momento o Diabo parou e cuspiu para o lado. Seus olhos brilharam e os bancos começaram a se arrastar para a porta da igreja, levando junto Daniel, que permanecia inconsciente. Jonas tremeu de leve.

— Ah! Perdoe-me se o interrompi padre — brincou o demônio, que agora estava sorrindo, satisfeito por ter tirado a concentração de Jonas. — Mas já que parou, que tal conversarmos um pouquinho?

Uma voz na mente de Jonas o alertava para não ouvir, para ignorar, pois era uma evidente armadilha. Mas algo o impedia de prosseguir com o ritual, talvez o demônio o estivesse hipnotizando.

— Venha para mim Jonas, eu posso aplacar sua dor, posso lhe dar prazer, muito prazer!!!

Jonas estava indeciso, indefeso, porém:

— JONAS ACORDE!!! — Era Daniel. Estava desperto, mas preso da cintura pra baixo no emaranhado de bancos.

— Daniel! — Gritou Ana ao vê-lo vivo.

— CALEM-SE!!! — Gritou o demônio.

Seu grito fez os vitrais da igreja explodirem em milhões de cacos e os bancos comprimiram ainda mais o corpo de Daniel, fazendo-o gemer. Daniel estava fraco de mais para gritar, mas Jonas havia despertado do transe.

— “OBEDEÇA ESTE FILHO DE DEUS, PELOS MISTÉRIOS DA ENCARNAÇÃO, PAIXÃO, RESSURREIÇÃO E ASCENSÃO DO NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, PELA MISSÃO, PELO ESPÍRITO SANTO E PELA VINDA DO PRÓPRIO MESSIAS, E AINDA QUE EU NÃO SEJA UM DIGNO MINISTRO DE DEUS, ORDENO QUE ME OBEDEÇAS POR TUDO QUE FOI DITO A QUE NÃO MAIS E DE MANEIRA ALGUMA VENHAS OFENDER ESTE POVO OU QUAISQUER DE SEUS DECENDENTES...”.

O Diabo ouviu tudo em silêncio, mas quando Jonas levantou os olhos do livro e o encarou, viu que ele tinha as

mãos postas sobre o peito, como se sentisse dor naquele local, e isso o encheu de forças.

— “EU TE EXORCISO, Ó CRIATURA, A TI E A TUA PRÓLE MALDITA...”.

— Pára desgraçado!!! — Berrou o Diabo. — Ou matarei a ti mil vezes!!!!

Jonas não parou.

— “...EM NOME DE DEUS, NÃO DEIXES AQUI TEU ESPÍRITO NEM A CHAGA DA CORRUPÇÃO...”.

— Estou avisando padre maldito!!! Eu vou engolir você!!!

— “... A PROTEÇÃO DE TODOS OS ANJOS PARA GUARDAR , CUIDAR E PROTEGER TUDO O QUE OCORRE NESTA CIDADE DESGRAÇADA.... LIBERTA ESTA CIDADE DE TODO O ESPÍRITO DE DEMÔNIO...”.

— AAAAAAAAAAAAAAAAAA!!!!!! — O grito do demônio arremessou Jonas vários metros para trás, fazendo-o bater violentamente contra a imagem de Jesus.

Ana e Sandra correram para socorrê-lo.

— Eu o avisei padre filho da puta!!!

Com um gesto de mão o Diabo fez o livro pegar fogo. Jonas o soltou imediatamente. Tentou se levantar e sentiu uma dor aguda nas costas. Provavelmente algumas costelas teriam se partido. O padre se pôs em pé e encarou o demônio mais uma vez. Mas antes que o padre retornasse para o ritual, Ricardo se levantou e correu para cima do demônio.

— Ricardo, não!!!

O aviso de Jonas foi inútil. Antes que Ricardo pudesse atingir o demônio, este o segurou pela cabeça. Os enormes dedos do Diabo se fecharam sobre o crânio de Ricardo assim como os de um adulto sobre uma bola de plástico. O demônio o levantou e o mostrou a Jonas. Os olhos do demônio se encontraram com os do padre. Neste momento a criatura torceu a cabeça de Ricardo para trás, fazendo com que o seu rosto ficasse virado para as costas. As moças desviaram o rosto, mas o padre continuou a encará-lo e seu semblante de dor se transformou em ódio. Como Jonas odiou esta coisa morta, que se fez viva e devorava a fé da humanidade. Convertia a bondade do mundo em desconfiança e assassinato. Jonas já havia lido muitos casos de exorcismo que duravam semanas e até

meses, sabia que o Demônio não o tocara enquanto tivesse fé e estivesse protegido com água benta, mas por quanto tempo agüentaria essa pressão? Quanto antes que sofresse um ataque dos nervos ou do coração? Pediu a Deus que lhe desse forças, pois iria precisar. O demônio viu a força nos olhos de Jonas.

— “EU TE EXPULSO, ESPÍRITO IMUNDO, JUNTO COM TODOS OS TEUS ESPÉCTROS DO INFERNO...”.

O Diabo sabia que não conseguiria abalar a fé do padre. Sabia que era preciso aterrorizá-lo ainda mais para que isso acontecesse. Pois assim o faria. Sem dizer mais nada, o demônio se voltou e começou a caminhar para fora da igreja. Ao se aproximar de Daniel, ele o agarrou e o pôs novamente sobre os ombros. Com um gesto de mãos, fez os bancos voarem para os cantos da igreja, liberando assim a passagem pra fora. Ele cruzou a porta e se afastou, sendo seguido em silêncio por seus demônios, mas antes de sumir pela escadaria, lançou um último olhar a Jonas. Os dois se olharam por um breve instante. Depois o demônio se foi.

— Daniel, Não!!! — Gritou Ana já sem forças. O padre a segurou novamente.

— Ele não vai matá-lo — disse Jonas, ainda olhando pra fora da igreja.

— Como não, padre??!!

— Não vai, ele me disse isso com os olhos!

Sim, Jonas lera os olhos da criatura. Ele estava enfrentando seu demônio, enfrentando “O” demônio. Ironicamente se lembrou da passagem de Jonas e a baleia, não pode evitar.

Reprise

Daniel abriu os olhos. Escuro, escuridão total. Ao tentar se levantar sentiu que estava deitado sobre lama. Tateou até encontrar uma parede de terra. Ao segui-la, sentiu o seu aspecto circular. Um poço! Estava de volta ao poço onde caíra antes. Como tinha vindo parar ali? Quanto tempo havia se passado? O demônio teria vencido? Não, se fosse isso não estaria vivo, e o inferno seria mais do que um simples poço de lama. O padre tinha conseguido, pelo menos por enquanto.

— Boa, padre! — Exclamou Daniel para si mesmo.

Sentia os cortes no rosto e nos braços, arderem como o fogo. A lama gelada ajudava a aliviar a dor, mas

provavelmente pegaria uma infecção. Contudo, essa era a menor de suas preocupações.

Forçou a mente, mas tudo de que se lembrava era de ter gritado para o padre, e que depois desmaiou. Daniel pediu a Deus que os outros estivessem bem. Resolveu rezar, e assim o fez:

— Senhor! Encontro-me agora prisioneiro do demônio, dai-me forças para resistir, e que eu não morra de hemorragia, por favor...

— Mas o que é isto? — Era a voz do Diabo, vinha da borda do poço. — Daniel na cova dos leões? Eu odeio reprises!

O Diabo riu daquilo.

— Ah! É você coisa feia — retrucou Daniel.

— Não me insulte. Não quero matá-lo agora, mas minha paciência tem limites.

— Poço perguntar uma coisa?

— Pergunte o que quiser.

— Bom... você é o Diabo e coisa e tal, mas conversa como se fosse humano. Tem até senso de humor!

Fraco, mais tem. Isso eu tenho que reconhecer. Como pode?

— Você acha que as emoções são privilégios somente dos humanos? — Indagou o demônio. — Eu governos as emoções! O seu Deus somente as criou, mas eu as governo!

— Não entendi?

— Ora, eu transformo fé em descrença, amor em ódio, coragem em medo, eu brinco com as emoções como bem me convir.

— Tá, até ai tudo bem. Mas... e o fato de você se parecer tão humano?

— Apesar de odiá-la, eu não nego minha origem. Infelizmente somos todos feitos, de certa forma, a imagem do “desprezível” Criador.

— Ele simplesmente poderia eliminar você da existência?

— Sim, mas não é assim que funciona. Segundo a moral tola Dele, desde que tudo foi criado, nada pode ser destruído. Apenas transformado. Todas as coisa que já viveram ainda vivem, mas de forma e em dimensões diferentes.

Daniel permaneceu em silêncio por alguns instantes, imaginando o absurdo da situação em que se encontrava. Estava batendo um papo com o Diabo, ora o que poderia haver de absurdo nisso. “Provavelmente o Diabo faz isso o tempo todo”, pensou, “afinal a eternidade deve ser bem chata.”

— Continue — pediu o Demônio. — Você me diverte.

Daniel pensou estar louco, pois estava batendo um papo amigável com o maior assassino da história. Mas o mais importante é que estava vivo, e o que mais importava era manter essa situação, pois isso daria tempo ao padre e aos seus amigos.

— Sei-lá? Fale-me de você, por exemplo: como devo chamá-lo, Lúcifer?

— Este não é mais meu nome? Agora me chamo Satanás!

— Posso chamá-lo de Satã?

— Esteja à vontade.

— Pois bem Satã. Você come, se alimenta eu digo?

— Não necessito, mas não me privo do prazer da gula, nem de nenhum outro prazer!

— Você tem algum objetivo em particular?

— Vingança... contra o fato dos humanos terem direito ao céus!

— Já pensou em pedir perdão por seus crimes? Talvez você ganhasse o céu novamente.

— Jamais farei isso! — Disse o Diabo indignado.
— Primeiro ampliarei meus domínios por toda a terra, depois em todas as dimensões de existência, até que o número de descrentes seja suficiente para vencer a *Guerra no Céu!*

— O céu está em guerra?

— Ainda não, mas sei que Gabriel, o maldito que tomou meu lugar, conspira em segredo.

“Pelo menos assim ele pensa, cometendo o mesmo erro que cometi há muito tempo. Imaginado que Deus não suspeitava de minhas intenções. Contudo isso não me preocupa, pois os seguidores de Gabriel são poucos, à vista que os meus formam legiões na terra e nos demais planos de existência.”

— E suas chances são boas?

— Sim! A cada dia a menos fé no mundo e isso me fortalece.

— O que pretende fazer conosco?

— Meu principal objetivo é destruir a fé do *padre-porco*, o desgraçado é inabalável! No momento estou dando a eles tempo pra imaginar o que estou fazendo com você. Isso faz aumentar o sofrimento da sua namorada porca, e enfraquece o padre. E você está me ajudando a passar o tempo.

— FILHO DA PUTA!! — Grita Daniel enraivecido. — Seu cretino desgraçado!

Daniel ouve a gargalhada do demônio ressoar pelo poço, isso faz com que sinta mais ódio ainda.

Durante toda a conversa o Demônio devia estar rindo baixinho, esperando o momento certo, esperando que Daniel, o bobo da corte, perguntasse sobre o que aconteceria com seus amigos. Somente para humilhá-lo. O demônio o estava iludindo, isso o deixou num estado de nervos que mal podia se controlar.

— Tomara que Deus chute a sua bunda outra vez, palhaço!

O Diabo ria como criança.

O Acordo

Na igreja, o padre e as moças se recuperavam do encontro com o demônio. Ana estava sentada aos pés do altar, chorando, enquanto Sandra a consolava. Jonas havia levado o corpo de Ricardo para os fundos da igreja, onde o cobriu com um lençol. O corpo, mesmo coberto, mostrava a cabeça fora do lugar. Jonas não teve coragem suficiente para voltar o rosto de Ricardo para frente. Antes de voltar para o salão da igreja, Jonas foi até o banheiro, lavou o rosto e encarou o espelho por alguns instantes. Depois levantou a batina e a camisa. Havia uma enorme mancha roxa em sua pele, na altura das costelas do lado esquerdo. O padre tinha medo de que a dor entorpecesse os sentidos, impedindo-o de prosseguir com o ritual. Foi

até um dos armários presos na parede, e encontrou ali algumas aspirinas. Engoliu duas delas, a seco. A garganta raspou com as pílulas, então serviu-se de um pouco de vinho, talvez a bebida ajudasse um pouco.

Os pensamentos flutuavam na mente do padre, irreais como num pesadelo. “Que pesadelo”, pensou ele. Mas aparentemente tinha vencido a primeira batalha. Tinha medido forças com o demônio e este resolveu se retirar para que ocorresse um novo combate. Não tardaria muito a hora em que o demônio entraria por aquela porta escancarada. Então o pesadelo teria início novamente, povoado de tormentos e incertezas. Jonas poderia recomeçar o ritual de exorcismo agora mesmo se quisesse, mas isso atrairia o demônio, assim como a carniça atraía um abutre. Queria algum tempo para se refazer. Sua cabeça latejava, e ele duvidava que as aspirinas fizessem algum efeito. Estava muito cansado. Sua mente continuava viajando em dúvidas, inúmeras perguntas sem resposta. Não que isso abalasse sua fé, isso nem de longe acontecia. Tinha certeza da vitória, mas se perguntava sobre a necessidade de tudo isso estar acontecendo. O que Deus queria nos mostrar permitindo tamanha maldade em

andamento, consumindo este povo, esta cidade de desgraçados. De súbito, resolveu começar a agir. Podia pelo menos se preparar para o combate, que se aproximava cada vez mais, como uma tempestade vinda de longe, trazendo destruição e dor. Voltou para o salão principal da igreja e encontrou as moças sentadas aos pés do altar, ainda chorando.

— Vocês estão bem?

— Na medida do possível padre.

Ana estava acabada. Parecia uma velha que perdera tudo na vida, menos a esperança. Esta insistia em ficar, até mesmo aos que tudo perderam em algum momento de suas vidas miseráveis.

— Ele vai voltar Padre? — perguntou Sandra, mesmo já sabendo a resposta.

— Infelizmente sim!

— Eu já estou aqui! — Disse a voz do Diabo.

Todos se assustaram, a voz vinha de trás do padre. Quando se voltaram pra ver de onde tinha partido a voz, vislumbraram Ricardo, em pé e com a cabeça torcida novamente para frente. Exibia um colar de manchas roxas

em volta do pescoço, os olhos faiscando de ódio. Ele lhes abria um diabólico sorriso.

— Calma padre! — Disse o demônio. — Quero apenas conversar...

— Afasta-te de nós, criatura maldita!

— Só vim dizer que Daniel sofreu pela minha derrota!

— Não!!!! — Gritou Ana em desespero.

— Mentira! Ana não acredite, é um truque!

— Você é um tolo, padre! — O demônio mantinha o sorriso, e às vezes babava propositadamente, apenas para causar mais nojo ao padre e as moças.

— Está me desafiando Satanás?! Podemos antecipar o combate, se essa for a tua vontade!

— Ainda não *padre-porco*, antes quero minar tua fé!

— Isso não acontecerá! Eu lhe garanto!

— Ora, e de que vale a palavra de um padre, o inferno está cheio deles, e francamente eu nem os queria, são todos muito chatos! Mas você, você será uma aquisição maravilhosa.

O Diabo lambeu os beiços.

— Você nem imagina o saboroso desafio que sua fé me proporciona!

— Espero que realmente a aprecie, pois há bastante dela, o suficiente para mandá-lo de volta para o seu abismo circular! Nem que eu tenha que levá-lo pessoalmente!

Ao ouvir isto, o demônio fez uma cara de surpresa.

— Está me propondo um acordo, padre?! — Seu sorriso dobrou de tamanho.

— Explique-se!

— Tudo muito simples, você me da a sua alma, em troca da alma de seus amigos!

— E que tal a minha alma pelas almas da cidade inteira! — O demônio gargalhou.

— Padre, não! — Disse Ana. Jonas fez que não ouviu, pois se a ouvisse, não teria coragem para prosseguir com seu plano.

— Você acha que sua alma vale tanto assim padre!

O padre fez que sim com a cabeça e começou:

— Vale, ou você não teria perguntado a minha opinião. Eis o trato: eu lhe entrego a minha alma e você

libertará esta cidade, e nunca mais voltará a perturbá-la! O que me diz Satanás?

O demônio ficou pensativo por alguns instantes. Ao ver isto Jonas esboçou um sorriso.

— Interessante padre, realmente interessante! — A criatura parecia realmente interessada, Jonas resolveu tirar vantagem disso.

— Eu renego ao Criador e me entrego a você, Satanás, mas terá de cumprir nosso acordo ao pé da letra!

— Irei pensar na sua proposta padre, e em breve voltarei!

Ao terminar de dizer isto o demônio deixou o corpo de Ricardo, que caiu pesadamente. Imediatamente o padre correu para o corpo e começou a arrastá-lo para os fundos da igreja.

— Ajudem! — Pediu para as duas moças, elas o olhavam boquiabertas.

— Ficou louco padre? — Perguntou Ana, já o ajudando a carregar Ricardo.

— Não, eu apenas nos consegui mais tempo! Vamos trancá-lo aqui.

Trancaram o corpo de Ricardo em uma pequena sala.

— Não quero tomar outro susto desses! — Disse o padre.

— Escutem com atenção — começou o padre, — quando começarmos o exorcismo, o demônio virá correndo pra tentar nos destruir. Eu me amarrarei ao altar, pois é de mármore e está firmemente preso ao chão. Isso evitará que ele me arremesse novamente. Vocês duas ficaram rezando em silêncio ao meu lado, cada uma terá um vidro com água benta. Caso o demônio se aproxime demais, vocês aspergiram sobre ele, sem em momento algum pararem de rezar. Isso irá afastá-lo, mas eu as advirto: em momento algum se entreguem ao desespero... como fez Ricardo. E de forma alguma desçam do altar, fui claro?

As duas responderam afirmativamente com um sinal de cabeça. Assim, eles começaram a se preparar. O padre, com um pedaço de corda do sino da igreja, amarrou-se ao altar, enquanto as moças se posicionavam com a água benta.

— Vamos rezar por alguns instantes, pedindo força para a tarefa que vamos realizar.

Liberdade

— Saudações, Daniel!

O som vinha da borda do posso. Era a voz do demônio. Daniel tentou forçar a vista para ver alguma coisa, mas estava muito escuro.

— O que você quer?

— Tenho notícias de seus amigos! Interessado?

— Talvez, se você não se importar?

— Pelo contrário, eu adoro observar reações humanas, especialmente as que são provocadas por mim!

Daniel sentia-se como um rato de laboratório, e não gostava nem um pouco disso.

— Então manda!

— Estou admirado, a porca da sua namorada sabe mesmo gritar!

— Não acredito nisso! É mais provável que ela tenha te mandado à merda! — Daniel riu baixinho.

— Não brinque comigo rapaz!

— Olha quem fala!

— Você não me teme?

— Não é isso, apenas não me importo mais, afinal como você mesmo pode ver, eu estou literalmente no fundo do poço.

— Entendo.

Daniel estava conseguindo confundir o demônio. A partir de agora não cairia mais em seus joguinhos mentais.

Houve um breve momento de silêncio. Daniel chegou a pensar que o demônio tivesse se afastado novamente, mas ele não faria isso, não sem deixar bem claro quem é que controlava a situação.

— Você e o padre são fascinantes, Daniel!

Daniel sentiu uma onda de arrepio por todo o corpo ao ouvir o Diabo pronunciar seu nome. Tentou não se assustar com isso, mas não pode evitar.

— Sabe o que seu amigo padre me propôs?

— Nem imagino.

— Ele quer que eu troque a alma dele pela salvação desta cidade podre!

— Hum... se bem me lembro, a podridão chegou aqui com você!

— Em parte, mas não se iluda Daniel, a podridão também tem outras fontes. As pessoas se condenam sozinhas, se eu estou aqui, é por que havia lugar para mim. Haviam aberto portas demais, e era quase impossível recusar tão doce empreitada. Só nos tempos mais longínquos eu chequei a dominar uma cidade inteira. Tinha me esquecido o quanto é maravilhoso. — O demônio ficou em silêncio, perdido em recordações, enquanto Daniel digeriria o que acabara de ouvir.

— Você pretende aceitar a proposta do padre? — A pergunta de Daniel fez o demônio abandonar as recordações.

— Por que eu diria isso a você?

— Ora foi você que tocou no assunto!

— Bem, a alma do padre realmente é valiosa. O simples fato dele se sacrificar por tamanho número de pessoas, o torna um verdadeiro herói... mas como eu disse

antes, esta cidade está podre demais, não há como ignorá-la.

— Daniel refletiu um pouco e depois perguntou:

— Você falou em portar abertas, como assim?

— O mal é como um vírus. De alguma forma você se contamina, então ele começa a se reproduzir dentro de você, enfraquecendo seu corpo, deixando-o vulnerável para que outras doenças oportunistas acabem com você!

— Então você seria uma doença oportunista, e não o mal?

— Exatamente. Eu não sou “o mal”, eu apenas sou mal, pois o mal foi criado por Deus, juntamente com o bem, forjando assim o equilíbrio que move a vida!

— Não faz sentido, por que Deus nos amaldiçoaria criando o mal?

— Ora, se você chama de maldição o fato de Deus ter criado o mal, então você é o mais tolo dos tolos, será que não consegue ver que o que Deus fez, foi lhe dar a capacidade de escolher. Você poderia ser simplesmente um servo sem vontade, mas Deus lhe concedeu o direito de escolher entre bem e mal, entre a vida e a morte.

Liberdade Daniel, liberdade. Não é por isso que vocês humanos tanto lutam?

— “Vocês humanos tem a escolha que os anjos não tiveram. Sou totalmente contra isso, humanos são inferiores, deviam ser apenas servos. No entanto, há humanos ditos santos, sentados ao lado de Deus, no céu, que é meu por direito.”

— Nunca tinha visto a coisa por esse ângulo. Pra mim faz sentido, mas se você também possui escolha, por que escolheu este caminho?

— Você me pergunta por que eu escolhi ser um príncipe e não um servo, não lhe parece um tanto obvio?

— Tá certo, tá certo... eu me esqueci do seu ego!

— Ora, como ousa seu verme? — O demônio havia se irritado com a petulância de Daniel.

— Ei! Eu achei que conversávamos abertamente?

— Pois esta conversa acaba aqui! Eu sou o que sou, e você sentirá isso em breve, bem no fundo de sua alma!

Ao dizer isso o demônio se afastou da borda do poço. Daniel esperou que ele se afastasse completamente, e então disse em voz alta:

— Isso é o que nós vamos ver!

Jonas

Tudo parecia um sonho. Jonas corria pela casa, enquanto sua mãe preparava o almoço de Domingo. O cheiro de frango assado envolvia toda a pequena casa de madeira. O menino sabia que se tratava de um dia especial, embora não soubesse bem qual, mas isso não era o importante. O importante é que sua mãe estava feliz, e logo os convidados chegariam. A mãe mandou o menino se lavar para o almoço, Jonas fez uma careta, mas resolveu obedecer. Foi para o banheiro resmungando e de tão pequeno que era, teve que ficar na ponta dos pés para alcançar a pia. Depois de alguns minutos Jonas estava de volta. Sorridente, mostrava as mãos limpas para a mãe.

Um pouco depois do meio-dia os convidados chegaram. Basicamente senhoras, e entre elas um simpático velhinho, com uma longa roupa preta que mais parecia um vestido. Jonas sabia que se tratava de um padre, mas não se lembrava do nome da roupa que ele usava. O que mais chamava a atenção do menino, era o respeito quase palpável que emanava do padre. “Os padres eram sempre inteligentes e calmos”, pensava Jonas. Pensava que se o seu pai fosse como os padres, com certeza passaria mais tempo em casa com a família. Os convidados se sentaram e a mãe do menino perguntou ao padre se este gostaria de agradecer pela refeição, ele assim o fez. O velho padre juntou as mãos sobre a mesa e rezou. Quando terminou todos disseram amém, em coro. Jonas reparou que todos esperaram o padre se servir primeiro. “Todos respeitam os padres”, pensou novamente. Quanto o almoço acabou e todos os convidados foram embora, Jonas perguntou a sua mãe se precisava estudar muito para ser padre. Ela lhe respondeu rindo, que se ele fosse padre, não poderia ter filhos. O menino ficou indignado, dizendo que os padres dariam ótimos pais, e perguntou qual a razão dessa crueldade. Sua mãe lhe respondeu com uma

palavra esquisita: castidade. A principio Jonas a confundiu com castigo, e anos depois descobriu que não havia errado por muito. Ele ouviu atentamente sua mãe dizendo, que era muito cedo pra que ele escolhesse qualquer coisa, mas que se isso fosse realmente o que Jonas queria, ela o apoiaria. Mesmo levando em conta o fato de Jonas ser filho único, e de que talvez não lhe desse netos.

Alguns dias depois, quando Jonas teve finalmente a oportunidade de ver o pai em casa, contou-lhe sobre sua escolha pela vida religiosa. O desinteresse do pai o magoou profundamente, mas isso não abalou sua convicção, pois seu pai não era nem calmo e nem inteligente. O pai de Jonas era respeitado, mas era um respeito diferente, que provinha do medo. O menino não queria ser temido, apenas respeitado por sua inteligência. Daí em diante, Jonas cresceu e estudou com um único propósito: se tornar um sacerdote. Jonas cresceu, e tudo continuava como num sonho, mas um dia a velhice chegou. Foi exatamente num chato dia de velhice que tudo aconteceu. Então tudo se tornou um pesadelo, um tormento aparentemente sem fim. Jonas se via enfrentando o próprio demônio, o mesmo demônio sobre o qual passou

a vida inteira questionando. Agora sabia a resposta. Mas este sonho não era apenas de lembranças, pois algo mais se revela aos olhos de menino do velho padre. Um enviado, um anjo de nome Daniel, estava posto ali para ajudá-los, mas Daniel era apenas humano. Jonas tinha certeza disso e sabia que seria preciso mais para deter o semblante do mal. Neste momento Jonas soube que Daniel não era o único, pois alguém mais viria. Então Jonas sorriu e acordou. Quando olhou a sua volta, viu que estava na igreja, amarrado ao altar de mármore. Ana ao ver que o padre tinha acordado, se aproximou.

— Tudo bem padre?

— Sim, acho que cochilei.

— Bem, cochilar não foi bem o que o senhor fez.

O senhor dormiu algumas horas!

O padre fez uma cara de espanto, e Ana acrescentou:

— Tudo bem! O senhor estava precisando.

Jonas sentiu as costelas doendo novamente, pediu para que Ana afrouxa-se um pouco as cordas que o prendiam ao altar. Ela assim o fez. Depois se juntou a

Sandra, que rezava baixinho. O padre olhou para as duas e disse calmamente:

— Vamos começar.

A batalha final

Fazia já alguns minutos o padre havia começado o exorcismo. Seguiu todo ritual, ao pé da letra: começando pelas orações para pedir forças para a tarefa, seguindo para as preces de purificação, e finalmente para as de exorcismo. Jonas continuava amarrado ao altar, e a dor em suas costelas continuava a arder como fogo. As moças estavam logo atrás dele, rezando baixinho alguns salmos indicados pelo padre. Ambas estavam munidas de água benta.

Quando o padre começou o exorcismo propriamente dito, um calafrio percorreu sua espinha, algo tornou o ar da igreja mais frio. O demônio estava presente. Como antes, seus súditos se empoleiravam sobre a

escadaria principal. Ele fitava o padre, estacado na porta da igreja, com Daniel, aparentemente desacordado sobre seus ombros. Jonas o fitava agora em silêncio. Os dois pareciam pistoleiros do velho oeste, se encarando antes do duelo final. As moças mantinham as cabeças baixas, pois não ousavam encarar o demônio. Jonas, no entanto o olhava fixamente nos olhos, mas o olhar severo do padre não intimidou a criatura.

— Desta vez você irá perder, seu *padréco* de merda! — O Diabo sorria de orelha a orelha. Ora a língua sibilava como a de uma serpente, ora lambia os lábios rasgados. — Está me ouvindo, seu filho de uma porca!

— Cala-te Satanás! — Gritou Jonas. — Pois tuas palavras imundas não tocam a minha fé!

Jonas respirou profundamente, sentiu as costelas estalarem, mas ainda sim manteve o olhar severo, respirou novamente, e estão começou:

— “CORDEIRO DE DEUS, RETIRAI OS PECADOS DO MUNDO... E TENDE PIEDADE DE NÓS...”

— Não ouses prosseguir padre, ou esta será tua última missa!

— De um jeito ou de outro, está é a minha última missa, Satanás... ou a menos que eu esteja enganado, não são realizadas missas no inferno!

O demônio se espantou. Jonas antes havia evitado conversar durante o ritual, mas agora o fazia com uma facilidade assombrosa. Estaria o padre tão certo assim da vitória? Sua fé seria realmente inabalável? O Demônio realmente se intimidou. Jonas percebendo isso aproveitou para abalá-lo ainda mais.

— O que foi criatura? Tens medo da minha fé? — Jonas sorriu. — Desta vez não te darei tempo para espreitar... se tens medo, parta antes que eu comece, ou sofrerá a pior derrota da tua miserável existência!

O demônio não se conteve, gritou de ódio. Jonas se curvou violentamente para trás, mas as cordas o impediram de ser arremessado. Só neste momento o demônio percebeu que o padre se encontrava preso ao altar. Porém Daniel não teve a mesma sorte. O demônio num acesso de raiva o arremessou violentamente contra uma das paredes laterais. Ana escutou seu gemido, mas se manteve rezando, de cabeça baixa. Não teria coragem de vê-lo, sem poder abraçá-lo. Subitamente o demônio pôs-se

a caminhar para o altar, e neste momento, Jonas recomeçou o ritual.

— Não te aproximes criatura maligna! — disse o padre, pondo-se a ler uma passagem de São Lucas, exatamente a mesma usada pelo Padre Merrim, em “O Exorcista”.

— “Meu nome é Legião, respondeu o homem, porque tinham entrado nele muitos demônios. E rogaram a Jesus que não os mandasse para o abismo. E andava pastando ali no monte um rebanho de porcos. E os demônios continuavam rogando que Jesus lhe concedesse entrar neles. E Ele concedeu. E tendo saído do homem, entraram nos porcos, e a manada precipitou-se de um despenhadeiro, e afogando-se no lago.”.

Neste momento o demônio o interrompeu.

— Não vejo porcos por aqui padre! A não ser você!

— Então venha para mim, e livre a cidade da desgraça que é a tua presença!

— Não brinque comigo padre, eu posso machucá-lo!

— Não mais do que eu te machucarei!

— CHEGA!!! — Gritou o Diabo, e o altar se despregou do chão, caindo sobre o padre.

Jonas gritou ao ver suas pernas serem esmagadas pela pesada peça de mármore. As moças tentaram socorrê-lo às pressas, mas não conseguiam levantar o pesado altar. Jonas que estava livre da cintura pra cima, se esticava para tentar alcançar o livro d'O Ritual Romano, que havia caído de sua mão.

— O livro... me alcancem o livro! — Suplicou.

Ana mais que rapidamente obedeceu, e Jonas procurou a página onde havia parado, e recomeçou. Sua voz era quase um sussurro. O demônio continuou a caminhar em direção ao padre.

— Fale mais alto *padréco*, assim eu não posso ouvi-lo.

O demônio gargalhou satisfeito, enquanto Ana e Sandra tentavam desesperadamente ajudar o padre. Neste instante, Jonas perdeu a voz. Por mais que tentasse prosseguir com o ritual, tudo que conseguia era gemer em agonia. A dor havia se tornado forte demais, nublando sua mente, tornando as idéias desconexas. O demônio

avançava mais e mais, rindo, enquanto seus cascos estalavam no piso da igreja.

Do outro lado, Daniel tentava se levantar. Com muita dificuldade conseguiu, parecia estar em transe, e era assim que o demônio o queria. Tentou clarear a mente, sem muito sucesso. Tudo o que podia ver, era o demônio se aproximando das moças. Via o altar tombado, mas não podia ver Jonas. Ainda que com dificuldade, começou a caminhar para o altar. Os demônios do lado de fora começaram a uivar numa tentativa de alertar seu mestre, mas o Diabo estava se deliciando com desespero do padre e das moças. Daniel aumentou a velocidade. Parou apenas para apanhar um pedaço de madeira de um dos bancos da igreja, que havia se partido quando o demônio os lançou contra a parede. A marcha do Diabo era lenta, como se estivesse saboreando o momento de subir ao podium para receber seu troféu. Daniel se encontrava mais lúcido agora, e estava prestes a alcançar o Diabo. Este tinha chegado ao seu destino. Sorria imponente para o altar caído, e sorriu mais ainda ao ver que o padre estava prestes a perder os sentidos. Jonas lhe lançou um último olhar antes de morrer. Ana viu primeiro a expressão de

espanto no rosto do Diabo, para depois perceber que Jonas estava sorrindo, como sorri os vitoriosos, ou os abençoados por Deus. Jonas continuou sorrindo, até que o brilho de seus olhos apagou. A morte havia lhe abraçado, trazendo seu prometido e merecido descanso.

— Padre, não! — Gemeu Ana, ao ver os olhos sem vida de Jonas, se fixando em lugar algum.

O demônio mantinha a mesma cara de abestalhado, como se houvesse vislumbrado algo totalmente absurdo, e que de forma alguma poderia ter sido visto. “Do que o maldito padre estaria rindo?”, foi o que pensou. E no instante seguinte sentiu algo sendo cravado em suas costas. Era Daniel, que finalmente havia alcançado o demônio. No entanto, este não sentiu dor alguma, e repeliu Daniel, como um homem faz com um inseto incomodo. Daniel voou novamente pela igreja, caindo e deslizando pelo piso, até se chocar contra a parede. No entanto, pensou o demônio, o padre não poderia estar sorrindo simplesmente pelo fato de Daniel estar se aproximando. A estaca improvisada não o deteria, balas não o deteriam. Pois o corpo que possuía agora, já era mais seu do que do antigo dono. E além do que, o padre não poderia ter visto

Daniel se aproximando, pois o altar de mármore impedia aquele ângulo de visão. O demônio repensou tudo em questão de micro segundos, provavelmente o padre teria enlouquecido em seu último momento de vida. Mas isso foi de longe, o que realmente aconteceu.

— Não — Ana suplicou, olhava para a monstruosa criatura parada à sua frente. — Por favor...

Cordeiro de Deus

Ana estava apavorada, era o fim. Porém, percebeu que não estava mais sentindo frio. Parecia loucura, mas podia jurar que estava amanhecendo. O demônio também havia percebido, e ambos olharam para a porta da igreja. Os demônios que ali estavam empoleirados haviam sumido. O que viram foi um homem parado sob o arco da grande porta. Não podiam vê-lo completamente, pois estava sendo banhado por um sol que começava a nascer. A frente da igreja fora construída para o lado em que o sol nasce, desta forma a luz entrava pela porta quebrada, e pelas janelas onde antes os vitrais foram estilhaçados pela ira do demônio. A luz entrava rasgando as trevas, ofuscando a visão e trazendo um calor aconchegante. O

demônio estava atônito, não compreendia o que estava ocorrendo, ou assim não o queria. Seja lá o que quer que fosse o ser parado na porta, parecia emanar uma luz própria, além da luz solar.

— O que fizestes na casa de meu Pai? — Disse a estranha entidade.

Sua voz apesar de severa, era como veludo. Ele começou a caminhar para o altar. O demônio estava sendo obrigado a aceitar que seu antigo inimigo estava ali, à sua frente.

— Sim. — Disse Ele, como se estivesse lendo a mente do Diabo. — Nós já nos enfrentamos antes. Há muito tempo.

Conforme ia se aproximando, Ana pode vê-lo melhor. Era um homem magro e alto, quase um gigante. Tinha o cabelos curtos, arrepiados, quase raspados no estilo militar. A barba por fazer, pontilhava o rosto marcado, porém belo. Vestia um jeans desbotado, uma camiseta branca e um sobre-tudo preto, que descia até encontrar as também pretas botas de motoqueiro.

— Está mudo criatura? — Perguntou Ele, ainda severo.

Ao se aproximar, seu rosto se tornou terno por um momento, mas só enquanto contemplava Ana. Quando voltou a olhar para o pasmo demônio, suas sobrancelhas se contraíram novamente.

— O que fazes aqui, Primogênito? — Perguntou o Diabo, para o homem magro.

Seu rosto havia abandonado o ar de surpresa, assumindo uma máscara de ódio.

— Tu não deves me chamar de qualquer outro nome, que não sejas o meu, criatura imunda. E quanto a razão de minha vinda, trata-se de uma vez mais, devolver-te ao teu abismo circular, de onde nunca deverias ter saído. E ademais, estas pessoas valentes me invocaram, e eu te digo que os que chamam por mim, me terão.

O Diabo o observava em silêncio, como se tentasse contestar a autenticidade do ser em sua frente.

— Tenho pena de ti demônio, mas isso não deve nublar-me aos teus atos. Mas ainda assim, te concederei a escolha!

O demônio permanecia em silêncio, como se nem estivessem falando com ele.

— A omissão de tuas palavras, só serve para comprovar a tua culpa e o teu não arrependimento, não me deixando outra escolha, senão a tua condenação absoluta.

Neste momento o Diabo se ofendeu.

— Condenação absoluta? Ora, não passas de um hipócrita! Minha condenação se tornou absoluta há muito séculos.

O homem magro fez que não com a cabeça.

— Meu Pai disse: “arrependei-vos, e Eu vos salvarei; venham a mim os que têm fome, e Eu os darei de comer”. Em nem um momento Ele disse: “venham a mim só os que têm fé, ou só os que são bons, ou ainda, só os que rezam”. Ele estende o céu e o seu perdão a todos: sejam homens, anjos ou demônios. Mas parece-me que a ti, a palavra arrependimento foi substituída por arrogância, e esta não te levará a lugar algum, a não ser às fossas, de onde não deverias ter saído.

O demônio não se alterou.

— Está falando para ouvidos surdos, Salvador!

— Sabes que não podes me vencer.

— Os tempos mudaram Salvador! Tenho mais almas agora, minha vitória não tardará. O teu “mundinho”

de homens, aos quais você insiste em chamar de irmãos, já é quase mais meu do que de teu Pai! Assim sendo, quem sabe eu possa até vencê-lo?

— Não pode. Sabes bem disso.

Ana assistia a tudo atônita, porém tudo começou a assumir uma roupagem de sonho. Os dois seres à sua frente, se tornaram imagens turvas, e suas vozes distantes e carregadas de ecos. Tornaram-se assim, incompreensíveis. E no momento seguinte, por mais que tentasse, não podia ver e nem ouvir mais nada. O choque em sua mente era perturbador, pois sabia que não estava inconsciente, mas, no entanto, tudo que conseguia ver era uma escuridão total. Ouvia apenas o silêncio absoluto. A impressão que tinha, era a de que não lhe seria permitido testemunhar o combate que ali estava sendo travado. O pânico já a dominava por completo. Um mar de rostos e nomes afogava sua consciência. Daniel, Jonas, Sandra, Nelson, Ricardo, seu filho e seu ex-marido. Estes rostos iam e vinham sobre seus olhos, imagens nubladas e difusas, que dançavam sem ritmo, apavorando mais e mais a pobre moça. Sem qualquer aviso, todos os rostos desapareceram, tão rápidos quanto haviam surgido. Em

meio à escuridão, uma luz brilhou. Era o rosto do homem magro que desafiara o demônio. Em sua face, brotou um doce sorriso. Só depois de alguns instantes, Ana percebeu que estava enxergando de novo. O homem magro parado em sua frente sorria gentilmente.

Ana olhou em volta. Viu Jonas morto. Sandra petrificada de pavor fitava as próprias mãos com um olhar senil, totalmente desprovido de emoções. Buscou Daniel com os olhos. Seu olhar se cruzou com os olhos de um homem morto. Olhos sem vida, que se fixavam no vazio. Daniel morrera tentando alcançar o altar. Rastejou para a sua própria morte. Ana voltou os olhos chorosos para o homem magro.

— Ah não — murmurou pesadamente. — Por favor, não...

— Ele cumpriu sua missão. A hora dele já havia chegado. E te digo: “aquele que crer em mim viverá, mesmo que morra”, pois “eu sou a ressurreição e a vida.”

— Então me leve junto...

— Seu filho precisa de você, viva.

Isso pareceu trazer Ana de volta a realidade.

— O sol nasceu. Vá para casa, permaneça lá enquanto a cidade se reconstrói. Ninguém se lembrará de nada, pois ainda não estão prontos para aceitar o que ocorreu aqui.

Ana baixou a cabeça por um momento, tentando suportar a dor. Quando voltou a olhar, o homem magro havia sumido. De repente um estado de urgência tomou sua mente, tinha de sair dali o mais rápido possível. Correu até Sandra e guiou-a para fora da igreja. O sol brilhava, iluminando as moças.

A luz solar as acompanhou até em casa.

Epílogo

No dia seguinte, o sol despertou a cidade. As autoridades policiais foram inundadas de chamados. Corpos foram encontrados por toda a cidade. A igreja havia sido profanada.

Os crimes foram atribuídos a algum tipo de seita satânica, que nunca foi encontrada. A cidade permaneceu em alerta por vários meses, mas nenhuma morte que apresentasse relação com as anteriores aconteceu. A cidade foi vítima de repórteres do país inteiro, e o nome de “A Cidade dos Desgraçados”, voltou a vigorar.

Ana havia deixado Sandra aos cuidados dos pais. A moça se encontrava em profunda depressão, e era incapaz de se lembrar dos últimos acontecimentos. Ana continuou. Seguiu a rotina de sua vida automaticamente. Durante a noite sonhava com Daniel. Havia perdido peso e se encontrava sempre irritada e intolerável. Aos poucos, foi perdendo os amigos e os clientes. Sua lanchonete fechou,

devido ao abandono. Ana se sustentava apenas com a pensão do ex-marido. Teve notícias do filho, fato que a alegrou um pouco. Logo ele viria visitá-la. Ana temia esse dia. Ela passava os dias no cemitério, junto a sepultura de Daniel. Às vezes visitava a sepulturas de Jonas, e a de Ricardo. O corpo de Nelson não pode ser reconhecido, assim como o de muitas das vítimas da tal seita satânica.

A saudade de Daniel era entorpecente. Ela estava se destruindo, sabia disso, porém, não fazia nada a respeito. Sua mente machucada ardia e incomodava, como uma ferida aberta. Assim, os dias se tornaram-se meses, e a dor que não diminuía, lesou o seu raciocínio a tal ponto que ela se permitiu ser visitada. Isso ocorreu no cemitério, junto a sepultura de Daniel. Ela estava sentada no chão, olhando para o nome na lápide. Alguém se aproximou. Era um menino, o mesmo que antes havia ajudado Daniel a sair do poço. Ana sentiu sua presença, mas não se virou, pois sabia de quem se tratava.

— Estava me perguntando quando é que você ia aparecer — a voz de Ana não tinha emoção.

— Ora, você me queria aqui, era só uma questão de tempo até nós encontrarmos — disse o menino com uma voz que não era sua.

— Você sabe o que eu quero?

— Daniel, você quer o Daniel.

— Você pode conseguir isso?

— Talvez, mas por um preço.

— Isso não importa!

O fim de tarde parecia mais sombrio agora. Ela mantinha o rosto fixo na lápide de Daniel.

— Você é quem sabe — o garoto riu baixinho, sua voz mais parecia um rosnado.

— Então vamos logo acabar com essa droga! — Ana se levantou e encarou o garoto.

— Sim senhora — disse o garoto brincando. Ele segurou a mão da moça. Ana o encarou com ódio.

— Nós vamos nos divertir muito! — Disse ele por fim. — Pode ter certeza disso!

E uma gargalhada explodiu-lhe à boca.

*“Não encontrarás
repouso verdadeiro a
não ser no Sangue...”*

SANTA CATARINA DE SENA

© Blumenau 2007. Hugo Maximo.
Todos os direitos reservados ao autor.

1º Edição: Editora Hemisfério Sul, Blumenau, 2001.

FICHA CATALOGRÁFICA DA 1ª EDIÇÃO

ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA FURB

Maximo, Hugo

A fábula: cidade dos desgraçados / Hugo
Maximo. - Blumenau: Hemisfério Sul, 2001.

143 p.

ISBN 85-86857-14-9

1. Ficção brasileira. I. Título.

CDD 869.93

SOBRE O AUTOR:

Hugo Maximo é trabalha como Coordenador de Projetos do Instituto Evoluir [www.institutoevoluir.org.br] e mantém seu site pessoal no endereço:

www.matrixordinaria.blogspot.com.

Hugo cresceu em uma biblioteca. Filho de bibliotecária, passava as tardes de sua infância em companhia de Monteiro Lobato e tantos outros, na biblioteca de Goioerê, cidade paranaense onde nasceu. Veio para Blumenau em 1995, onde concluiu seu primeiro romance, intitulado: **A Fábula: Cidade dos Desgraçados**, Editora Hemisfério Sul, 2001.

Possui mais dois livros publicados *não-virtualmente*: **A Cidade LOBO** e **O Caso da Cruz de Prata**, Ambos, Editora Estúdio Criação, 2007 (partes integrantes da **Coleção Jóias Literárias** em parceria com o Instituto Evoluir, para o **Projeto TROQUE LIXO POR LIVRO**, ilustrados pelo Mestre dos Quadrinhos Eugênio Colonnese.

É formado em História pela FURB-SC e lecionou durante sete anos na rede estadual de ensino. Atualmente, além de escrever Livros, Blog, Histórias em Quadrinhos e canções de Rock, presta serviço como Coordenador de Projetos culturais.

Entre em contato com o autor em:
www.matrixordinaria.blogspot.com

Em caso de interesse na publicação desta obra em versão *não-virtual* entre em contato com o autor através do e-mail:
hugo.maximo@gmail.com